

GPHIE 20 ANOS

Catálogo histórico e comemorativo do
Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação da UFPR

organização

Carlos Eduardo Vieira

Dulce Regina Baggio Osinski

Maria Cristina P. do Nascimento

Reunião GPHIE

27 agosto 2025

• Inton mes:
diário / 22 vol.

• do livro GPHIE
mensur

• Leu to 21/8/2025
• Paulo Francisco / Pho



• Shirley / P.

Editora
UFPR

20 ANOS
GPHIE
GRUPO DE PESQUISA HISTÓRIA
INTELLECTUAL E EDUCAÇÃO

• Pesq



Reitor

Marcos Sfair Sunye

Vice-Reitora

Camila Girardi Fachin

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Andrea Berriel Mercadante

Coordenador da Editora UFPR

Francisco Roberto Szezech Innocência

Assessora da Editora UFPR

Rachel Cristina Pavim

Conselho Editorial que aprovou este livro

Francisco Roberto Szezech Innocência (presidente)

Rachel Cristina Pavim (assessora)

Allan Valenza da Silveira

Cleverson Ribas Carneiro

Edilson Caron

Etienne Cesar Rosa Vaccarelli

Ida Chapaval Pimentel

Itamir Caciatori

Janice Nodari

Harrison Lourenço Corrêa

Pedro Augusto Breda Fontão

Raynes Adiron Castro

Simone da Silva Soria Medina

Thiago Freitas Hansen

GPHIE 20 ANOS

Catálogo histórico e comemorativo do

Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação da UFPR

organização

Carlos Eduardo Vieira

Dulce Regina Baggio Osinski

Maria Cristina P. do Nascimento

Editora
UFPR

20
GPHIE
GRUPO DE PESQUISA HISTÓRIA
INTELLECTUAL E EDUCAÇÃO

© Carlos Eduardo Vieira, Dulce Regina Baggio Osinski
e Maria Cristina P. do Nascimento (org.)

GPHIE 20 ANOS

Catálogo histórico e comemorativo do
Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação da UFPR

Coordenação da Seção de Produção Editorial

Alan Santiago Norões Queiroz

Revisão

Gabriela Lopes Montini

Lenita Dittrich Vieira

Revisão final

Organizadores

Projeto gráfico, capa e diagramação

Thainá Kramer

Série Pesquisa, n. 472

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.

Biblioteca Central. Seção do Processo Técnico.

G725 GPHIE 20 anos: catálogo histórico e comemorativo do Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação da UFPR / Organização Carlos Eduardo Vieira, Dulce Regina Baggio Osinski, Maria Cristina P. do Nascimento. — Curitiba, PR: UFPR, 2026. 69 p.: il.; 21 cm. — (Série Pesquisa; n. 472)

ISBN 978-85-8480-296-8

1. História da educação — Brasil. 2. Historiografia da educação — Brasil. 3. Pesquisa em educação — Brasil. I. Vieira, Carlos Eduardo. II. Osinski, Dulce Regina Baggio. III. Nascimento, Maria Cristina P. do. IV. Universidade Federal do Paraná. Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação — História. V. Série.

CDD: 370.9

CDU: 37(091)(81)

Bibliotecária: Ana Camila Quaresma Moura CRB-9/2212

ISBN 978-85-8480-296-8

Ref. 1176

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua Ubaldino do Amaral, 321

80060-195 — Curitiba — Paraná — Brasil

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

2026

 **ABEU**
Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

SUMÁRIO

6 | DAS ARTES DOS BONS ENCONTROS

José Gondra

11 | LINHA DO TEMPO 20 ANOS

12 | LOGOS GPHIE

15 | GPHIE — 20 ANOS: CONSTRUINDO UM LUGAR E UM ESTILO DE ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Carlos Eduardo Vieira

36 | DEPOIMENTOS

36 | COORDENAÇÃO DO PPGE

37 | COORDENAÇÃO DO GPHIE

39 | PROFESSORES GPHIE/UFPR

47 | ENTREVISTAS

Carlos Eduardo Vieira

Dulce Regina Baggio Osinski

63 | PUBLICAÇÕES

70 | GPHIE EM IMAGENS

DAS ARTES DOS BONS ENCONTROS

José Gondra¹

*A vida não é brincadeira, amigo
A vida é arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida.
Vinicius de Moraes, Baden Powell, 1967²*

Esta epígrafe do poeta e compositor brasileiro Vinicius de Moraes, em parceria com Baden Powell, encontra-se na música *Samba da bênção*, gravada pela primeira vez em 1967. Lá se vão 58 anos de um tributo ao samba, ritmo afro-brasileiro, na letra daquele que se autorrepresenta como o “branco mais preto do Brasil”³.

Os versos da canção representam traços que marcam os jogos de aproximação e distanciamento na experiência humana, sugerindo que a vida se constitui em um aglomerado de possibilidades marcantes, alegrias, perdas, afastamentos, frustrações e tristezas. O trecho selecionado encapsula uma reflexão a respeito da natureza efêmera da existência, uma espécie de advertência no sentido de reconhecer e valorizar os desencontros, inclusive os passageiros. No final da letra, há bênçãos dedicadas aos muitos mestres e parceiros, por meio das quais o cantor exprime respeito e gratidão pela tradição coletiva que sustenta o samba e, podemos acrescentar, todo um conjunto de tradições e experiências sociais.

Na questão do respeito e do agradecimento, quero sublinhar pontilhados de uma trama que marcaram o meu encontro com o Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação (GPHIE), constituído em 2006 e coordenado pelo professor Carlos Eduardo Vieira, da Universidade Federal do Paraná.

Meu encontro com o GPHIE foi sendo cultivado antes mesmo de sua formalização, proporcionado por ambientes coletivos de formação, nomeadamente as associações científicas com seus diversos expedientes de organização, legitimação e consagração, tomadas aqui como epicentro do que promoveram (e promovem) em torno da estruturação e funcionamento do campo da educação e, mais precisamente, da história da educação.

- 1 Professor titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).
- 2 Para saber mais detalhes sobre a história do *Samba da bênção*, cf. <https://www.youtube.com/watch?v=dVRxwh10kL4>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- 3 “Eu, por exemplo, o capitão do mato/ Vinicius de Moraes/ Poeta e diplomata/ O branco mais preto do Brasil/ Na linha direta de Xangô, saravá”.

O primeiro pontilhado remete à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. Esta associação se encontra estruturada em torno de grupos de trabalho (GTs). Nesse cenário, o Grupo de Trabalho História da Educação (GTHE), o GT 02, nasceu por proposta de Luís Antônio Cunha em 1984, na 7ª Reunião Anual, em Brasília. Estavam presentes os pesquisadores: Maria Marcia Leporace Farret, Zuleide Araújo Teixeira, Eva Pereira, Lucia Rocha (Brasília); Manoel de Vasconcelos Motta (Mato Grosso); Clarice Nunes, José Silvério Baia Horta (Rio de Janeiro); Ester Buffa (São Carlos/SP), a quem foi atribuída provisoriamente a coordenação (*Boletim ANPED*, v. 8, n. 1, p. 18-19, jan./mar. 1986)⁴.

Este GT foi um espaço de aprendizagem, formação, encontros, desencontros e reencontros. Entre 2003-2005, tive o prazer de compartilhar a sua coordenação com o professor Carlos Eduardo Vieira, ocasião em que promovemos algumas iniciativas estratégicas com vistas a uma reflexão relativa à historiografia em escala nacional e investimentos no campo da internacionalização. Uma delas foi a organização de um seminário temático, ocorrido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Proped/Uerj), do qual resultou o livro *Pesquisa em história da educação no Brasil* (2005). O Seminário de Intercâmbio⁵ do GTHE/Anped, realizado no Proped/Uerj, com apoio da Faperj e CNPq, permitiu a participação de pesquisadores de quase todas as regiões do país⁶ para tratar da produção efetivada no âmbito dos programas de pós-graduação em educação à época⁷.

No livro efeito desta ação, os organizadores do Seminário, eu e Carlos, assumimos a tarefa de escrever a apresentação da referida coletânea, intitulada *Mapas da produção em história da educação*. O que nossos cristalinos⁸

4 Para mais informações a respeito da história do GTHE, cf. GONDRA, José Gonçalves (org.). *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

5 Iniciativa descontinuada no âmbito do GTHE.

6 A região Norte não contou com representantes, tendo sido integrada à região Nordeste, em virtude da pouca quantidade de programas ali existentes à época.

7 Em termos dos debates historiográficos no plano internacional, destaco, por iniciativa da coordenação do GT, a vinda do prof. Jacques Revel e a publicação, *a posteriori*, de um artigo e de dois livros. Cf. REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000300003>; REVEL, Jacques. *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009; e REVEL, Jacques. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

8 O cristalino consiste em uma estrutura transparente e flexível localizada atrás da íris, dentro do olho, que funciona como uma espécie de lente natural, focando a luz na retina para

puderam observar na ocasião foram arrolados em torno de nove pontos para reflexão.⁹ Ao reler as questões assinaladas, ousaria dizer que nossos cristalininos se encontravam saudáveis e o diagnóstico ainda permanece válido.

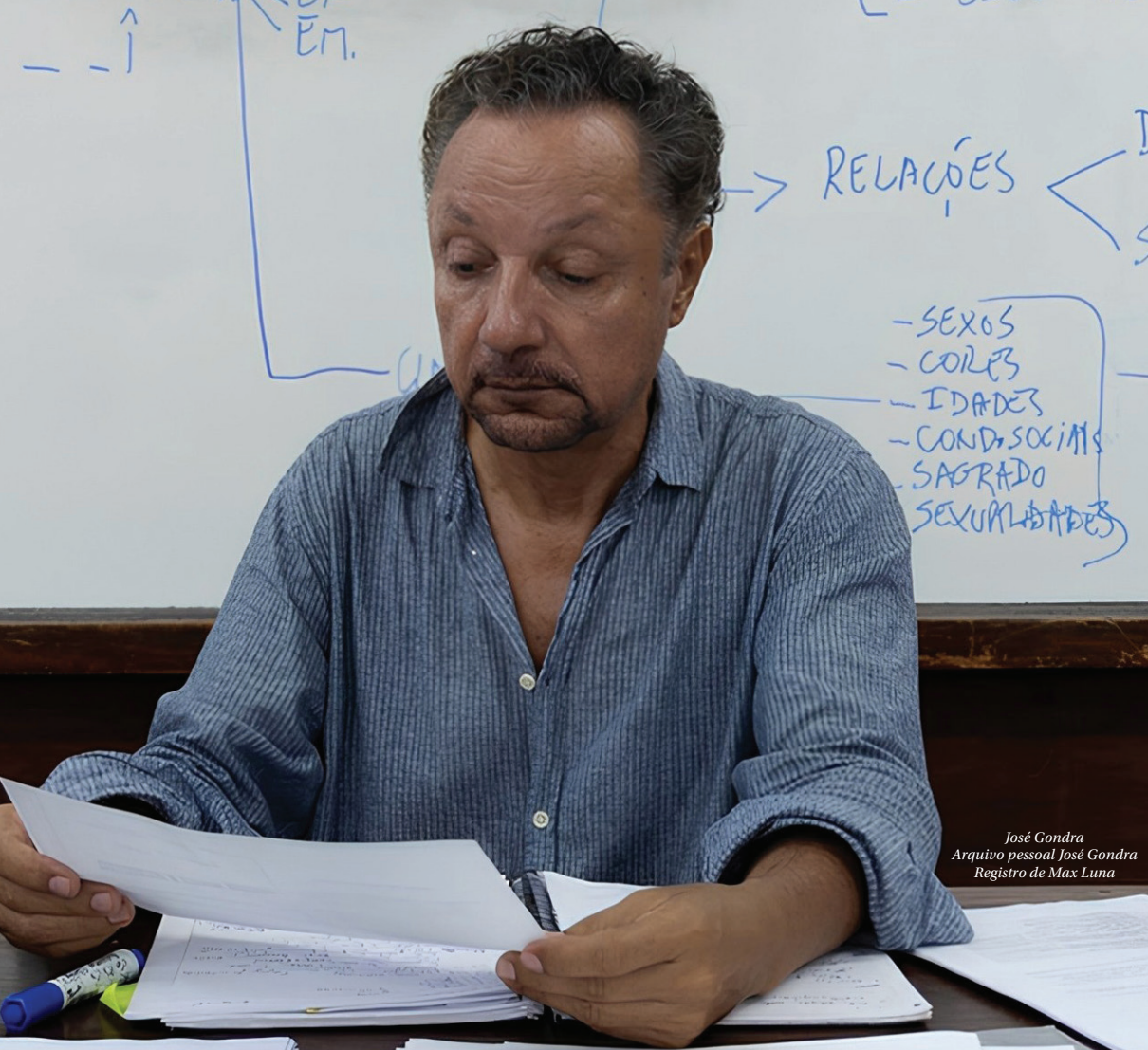
O primeiro elemento remetia às condições de produção dos textos, acompanhadas de uma nota relativa às concepções de história praticadas nos programas e pelos(as) autores(as) dos artigos da coletânea. Ao lado dessas duas observações iniciais, chamamos atenção para as séries quantitativas; os problemas investigados/legitimados/margados; as instâncias diversas e desiguais da produção; as experiências prévias articuladas com as expectativas da comunidade produtora; uma produção em história da educação exterior aos programas de pós-graduação em educação; o volume e distribuição da produção no território nacional e, por fim, aquilo que se processa nas bordas da história da educação, como disciplina de formação de professores e como campo de investigação.

Ao dar visibilidade a este complexo conjunto de elementos, os nossos cristalininos diagnosticaram parte expressiva daquilo que estava contido nos materiais discutidos no Seminário de Intercâmbio que, posteriormente, foram publicados na forma de livro. Ao mesmo tempo, ainda que sem ter noção do devir do campo, prospectamos desafios ainda presentes e, ousar dizer, alguns deles invariantes, que integram (ou deveriam compor) a agenda de todos(as) os(as) agentes interessados(as) na história da educação em diferentes escalas de observação.

O segundo pontilhado remete a outra sociedade científica, nascida por meio de várias mediações e iniciativas de pesquisadores nucleados no GTHE da Anped. Trata-se da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), cuja gestão compartilhei com o professor Carlos Eduardo Vieira (2013-2015). Por fim, mais recentemente, integramos a Comissão Editorial da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) (2022-2024), ocasião em que pudemos dar continuidade à parceria frutífera, comprometidos com o campo, os princípios éticos e a comunicação regular do que se veicula através do gênero de artigos para periódicos. Na gestão da revista, entre outras iniciativas — como a intensificação da divulgação da RBHE, a adesão responsável aos protocolos da chamada “ciência aberta” e o fortalecimento de laços com a rede Scielo, por exemplo — recuperamos o financiamento público para o periódico, fruto de mediações importantes com outros editores e negociações intensas com o CNPq.

permitir a visão clara. Sua função principal é ajustar o foco da imagem, permitindo a visão tanto de objetos distantes quanto próximos, processo chamado de acomodação.

9 GONDRA, José Gonçalves (org.). *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 9-13.



José Gondra
Arquivo pessoal José Gondra
Registro de Max Luna

Além destas iniciativas, outras sementes e germinações junto ao GPHIE poderiam ser listadas, como participações em eventos dentro e fora do país, cursos, livros, artigos, bancas de conclusão de mestrado e doutoramento, supervisão de pós-doutoramento e um estágio de pesquisa/ensino realizado na UFPR.

Portanto, a aproximação com o GPHIE implica pensar coletivos de pesquisa enredados em torno de interesses mais ou menos comuns, de modo a construir ambientes colaborativos, com definição de agenda, funções, responsabilidades, ferramentas de comunicação e de gestão, tudo isso a fim de romper com a clássica imagem do cientista na solidão de seu laboratório, de um inventor soberano e titular pleno de suas descobertas. Afastando-se desse paradigma, os coletivos de pesquisa se aventuram em processos de investigação nos quais o regime de partilha de saberes, pouco a pouco, em algumas

situações, revê e redimensiona o lugar bastante cristalizado do sujeito soberano e detentor das novas descobertas no campo científico. Afinal, a pesquisa e o que dela deriva também se constitui em zona de encontros e desencontros, encantamentos, conflitos e desapaixonamentos, pois, “se hoje ele é branco na poesia/ Se hoje ele é branco na poesia/ Ele é negro demais no coração”.

Nestes termos, ao celebrar duas décadas de funcionamento regular, o GPHIE pode ser pensado como um território que aborda múltiplas questões, com a perspectiva de afirmar e repensar referenciais teórico-metodológicos para as práticas da pesquisa histórica, resultando em um sólido campo de experimentação e de interrogação de problemas mais ou menos consagrados, o que contribui para a intensificação, densificação, multiplicação de forças e de problematização das polarizações estéreis. De onde e como percebo, estes elementos caracterizam um aglomerado de intervenções regulares deste coletivo e dos outros com os quais interage direta e indiretamente, configurando uma agenda em constante arranjo e rearranjo, como forma de responder aos desafios do presente, sobretudo aos discursos que negam a história, as ciências e as inteligências para e a serviço de todos(as).

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 2025

LINHA DO TEMPO 20 ANOS



LOGOS GPHIE



Logo GPHIE



Logo 10 anos GPHIE



Logo 20 anos GPHIE

**GRUPO DE PESQUISA HISTÓRIA INTELECTUAL DA
EDUCAÇÃO – UFRP**

Coordenador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira
E-mail: GPHIE@yahoo.com.br

DIVISÃO DE LEITURAS		
PESQUISADORES	PESQUISADOR LEITOR	PROFESSOR LEITOR
1. Alexandra Padilha Bueno	Aurélius Bona Jr	Carlos Eduardo (sexta - último leitor)
2. Aurélius Bona Júnior	Roberlayne	Dores (sexta)
3. Caroline Baron Marach	Nívia Celine	Renato (quinta)
4. Dulce Regina Baggio Osinski	Rossano Silva	Taborda (quarta)
5. Leziany Silveira Daniel	Caroline Marach	Renato (quinta)
6. Maria Lucimara dos Santos	Dulce Osinski	Carlos Eduardo (quarta - primeiro leitor)
7. Nêvio de Campos	Leziany S. Daniel	Dores (quinta - último leitor)
8. Nívia Celine da Silva	Leziany S. Daniel	Renato (quinta)
9. Rossano Silva	Cristiane	Taborda (quarta)
10. Cristiane	Maria Lucimara	Carlos Eduardo (quarta - primeiro leitor)
11. Roberlayne	Alexandra Padilha Bueno	Dores (sexta)

I SEMINÁRIO DO GRUPO DE PESQUISA HISTÓRIA INTELECTUAL DA EDUCAÇÃO.

Curitiba, 22 a 24 de agosto de 2007.

Local: UFRP

Horário: 14h às 17h30m

PESQUISADORES PARTICIPANTES: Alexandra Padilha Bueno, Aurélius Bona Júnior, Caroline Baron Marach, Cristiane dos Santos Souza, Dulce Regina Baggio Osinski, Leziany Silveira Daniel, Maria Lucimara dos Santos, Nêvio de Campos, Nívia Celine da Silva, Roberlayne de O. B. Roballo, Rossano Silva.

PROFESSORES CONVIDADOS: Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (UFRP), Prof. Dra. Maria das Dores Daros (UFSC), Prof. Dr. Renato Lopes Leite (UFRP).

PROGRAMAÇÃO

Dia 22 de agosto / quarta-feira

Horário: 14:00 às 17:30

Local: Sala 114 – 1º andar – Prédio D. Pedro I

* **Professor convidado:** Marcus Aurélio Taborda (UFRP)

* **Trabalhos discutidos:**

- GUIDO VIARO: MODERNIDADE NA ARTE E NA EDUCAÇÃO.

Dulce Regina Baggio Osinski

- ATIVIDADES EXTENSIONISTAS DO CENTRO POPULAR DE CULTURA DA UNE (1961-1964)

Maria Lucimara dos Santos

- O PENSAMENTO ESTÉTICO DE ERASMO PILOTTO: REPRESENTAÇÕES E APROPRIAÇÕES

Rossano Silva

- PRIMEIRAS INVESTIGAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE FRANCISCO RIBEIRO DE AZEVEDO MACEDO FRENTE À INSTRUÇÃO PÚBLICA DO PARANÁ

Cristiane dos Santos Souza

Dia 23 de agosto / quinta-feira

Horário: 14:00 às 17:30

Local: Sala 115 – 1º andar – Prédio D. Pedro I

* **Professor convidado:** Renato Lopes Leite (UFRP)

* **Trabalhos discutidos:**

- DUAS PESQUISAS: A BUSCA PELO CONTEXTO LINGÜÍSTICO DE UM INTELECTUAL (1900-1940)

Caroline Baron Marach

Dia 24 de agosto / sexta-feira

Horário: 14:00 às 17:30

Local: Sala 115 – 1º andar – Prédio D. Pedro I

* **Professora convidada:** Maria das Dores Daros (UFSC)

* **Trabalhos discutidos:**

- O BRASIL NOS TRILHOS DO PROGRESSO: EDUCAÇÃO POPULAR E MODERNIDADE NO JORNAL GAZETA DO POVO DA DÉCADA DE VINTE

Alexandra Padilha Bueno

- MODERNIDADE E EDUCAÇÃO NAS CONFERÊNCIAS EDUCACIONAIS NA DÉCADA DE 1920 NO PARANÁ

Aurélius Bona Júnior

- A ESCRITA DA HISTÓRIA E A FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS NORMALISTAS NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Roberlayne de O. B. Roballo.

Folder do I Seminário do Grupo de Pesquisa História Intelectual da Educação

Curitiba, PR, 22 a 24 ago. 2007

Crédito: Acervo GPHIE

II Seminário GPHIE

Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação

28 e 29 de novembro

Folder do II Seminário do Grupo de Pesquisa
História Intelectual da Educação
Curitiba, PR, 28 e 29 nov. 2012
Crédito: Acervo GPHIE

28 de Novembro

Manhã [Sala de Vídeo Conferência]

9 h - 12h

PARTICIPAÇÃO

Luiz Geraldo Silva

(Departamento de História - UFPR)

TEMA: Norbert Elias

Tarde [sala 114]

14 h - 16h30

DEBATE SOBRE AS PESQUISAS

16 h30 - 17h30

BALANÇO DO SEGUNDO SEMINÁRIO E
DELIBERAÇÕES PARA 2013

29 de Novembro

Manhã [sala 114]

PARTICIPAÇÃO

Alexandro Trindade Dantas

(Departamento de Sociologia - UFPR)

TEMA: História dos Conceitos

Tarde [sala 114]

DEBATE SOBRE AS PESQUISAS

BALANÇO DO SEGUNDO SEMINÁRIO E
DELIBERAÇÕES PARA 2013

Local

UFPR

Setor de Educação

Ed. Dom Pedro I



Certificado do Colóquio: História Intelectual e Educação, promovido pelo GPHIE
Curitiba, PR, 26 out. 2016
Crédito: Acervo GPHIE



CERTIFICADO



2006

2007

2008

2009

2010

2011

2012

2013

2014

2015

2016



Certifico que _____ participou do **Colóquio: História Intelectual e Educação**, promovido pelo Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação, no dia **26 de outubro de 2016**, com carga horária de **4 horas**.

Curitiba, 26 de outubro de 2016.

Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira

Universidade Federal do Paraná - UFPR/Pr/Brasil - (Professor)

Coordenador do GPHIE

GPHIE — 20 ANOS: CONSTRUINDO UM LUGAR E UM ESTILO DE ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Carlos Eduardo Vieira¹

O objetivo deste texto introdutório ao **GPHIE: 20 ANOS — Catálogo histórico e comemorativo do Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação da UFPR** é produzir uma reflexão sobre a constituição histórica do campo de pesquisa e de escrita da história da educação (HE) e, a começar por essa exposição, analisar como o GPHIE se inseriu nesse processo, a partir de determinadas escolhas teóricas e historiográficas, conformando um lugar e um estilo próprio de escrita da HE. Sendo assim, não realizarei nesse espaço uma memória sobre a formação do grupo, pois neste catálogo existem muitos depoimentos, inclusive deste professor, sobre os eventos e contextos que levaram à formação do GPHIE.

A compreensão deste percurso de engajamento do grupo na pesquisa e na escrita da HE não é passível de ser pensada de maneira unívoca ou consensual entre os seus membros. Nesse sentido, a análise que realizaremos está claramente matizada pela percepção de um pesquisador que participou da fundação do grupo, tem envolvimento significativo na orientação de pesquisas de vários dos seus membros e ocupa, nestes vinte anos de trabalho coletivo, a coordenação desse empreendimento. Ainda que tenha ocupado uma posição de observação e de participação privilegiada, a análise que desenvolverei tem um viés marcado pela minha percepção da história e da historiografia, de modo que outros observadores, internos ou externos ao grupo, provavelmente chegariam a conclusões distintas. Logo, manifestada a tendenciosidade do intérprete, vamos para a análise, ciente das críticas que advirão.

A emergência da disciplina e da escrita da história da educação na Europa, nos EUA e no Brasil

O interesse pela HE pode ser situado no século XIX, a partir de decisões das principais universidades europeias, que incluíram em seus programas disciplinas que tinham como objeto de estudo a pedagogia, com o intuito de interferir nos processos de formação de professores. Immanuel Kant, uma das mais importantes referências para a filosofia moderna, ministrava, entre as suas atividades na Universidade de Königsberg, um curso de pedagogia que foi

1 Carlos Eduardo Vieira, coordenador do Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação (GPHIE-UFPR).

transformado em livro, com o título *Sobre a pedagogia*, de 1803. Nesse contexto, a HE surge, inicialmente, como um dos conteúdos da pedagogia até ganhar a condição de disciplina autônoma nos programas de formação de professores. Segundo Roballo (2021, p. 5-6), a disciplina surgiu na Alemanha “em meados do século XIX, graças à constituição da Pedagogia como disciplina universitária, à criação e difusão de seminários de formação docente e à conseguinte delimitação de um corpo de conhecimentos necessários à sua formação”.

Johann Friedrich Herbart, sucessor de Kant na filosofia da Universidade de Königsberg, é considerado o fundador da pedagogia como disciplina acadêmica. Na sua obra magna, *Pedagogia geral (Allgemeine Pädagogik)*, publicada em 1806, ele sustentava que a HE poderia assumir um papel formativo, com um caráter prático e ilustrativo, mas sem a pretensão de ser uma disciplina reflexiva e teórica (Viñao, 2002, p. 225). Fica evidente na formulação de Herbart a percepção da HE no quadro geral da *historia magistra vitae*, celebrizada nas ideias de Cícero e de Plutarco na antiguidade. Nessa perspectiva, a HE teria como função dar lições sobre como educar, tomando exemplos de experiências educacionais do passado. Neste percurso, a disciplina se estabeleceu na Inglaterra “em 1890 nos Teacher’s Training Colleges, em especial para a formação de professores de ensino secundário. Na Bélgica, a HE esteve presente desde 1881, porém, seria a partir de 1890 que a disciplina seria incluída no currículo das Universidades, quando passam a formar professores para o ensino secundário” (Roballo, 2021, p. 10).

Wilhelm Dilthey, outro filósofo alemão de grande destaque, lecionou na Universidade de Berlin, entre 1884 e 1894, cursos de história da pedagogia, tendo essa experiência sido publicada postumamente, com o título *Pädagogik, Geschichte und Grundlinien des Systems*, em 1934. Em 1884 a disciplina História da Pedagogia tem início na França e, nesse movimento, dois autores e obras de referência se destacaram: Gabriel Compayré, com a sua *História da pedagogia*, de 1888, e Louis Riboulet, que publicou um livro homônimo em 1925.

Nos Estados Unidos, a disciplina obteve grande sucesso nos cursos de formação de professores; assumiu uma função de exaltação do papel da escolarização na formação do país, enaltecendo a democracia e o desenvolvimento econômico e social alcançado pelos EUA. Para além da concepção da *historia magistra vitae*, percebemos a HE funcionando como uma propaganda do modo de vida estadunidense. A disciplina teve início em 1840 nos cursos superiores de profissionalização do magistério, tendo como um dos seus expoentes Ellwood Patterson Cubberley, da Universidade de Columbia. Esse professor publicou, em 1902, *Syllabus of Lectures on the History of Education* e, em 1920, *The History of Education*. Contudo, o autor de textos de HE mais conhecido internacionalmente, inclusive com grande presença no Brasil, foi Paul Monroe que, a partir

do Teachers College, da Universidade de Columbia, produziu livros traduzidos para diversas línguas, com destaque para *Text-Book in the History of Education*, de 1905, e *A Brief Course in the History of Education*, de 1907.

As primeiras obras que refletiam sobre a HE no Brasil não estavam associadas diretamente à esfera educacional, eram textos históricos inspirados na tradição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que remontam ao último quartel do século XIX. Entre essas produções, cabe destaque para *L'instruction publique au Brésil: histoire-législation*, escrito em francês em 1789, no canto do cisne do Império, por José Ricardo Pires de Almeida. O livro, segundo Vieira (2016), foi encomendado e concebido para representar o Brasil na exposição internacional de Paris e, assim, apresentar para a Europa os avanços da Instrução Pública no país, sob a liderança do monarca dom Pedro II. Outro historiador associado ao modelo historiográfico do IHGB foi Primitivo Moacyr que, entre 1916 e 1942, publicou mais de quinze volumes sobre a história da legislação educacional do Brasil Império e República, com destaque para os três volumes dedicados às iniciativas legislativas do período imperial, intitulados *A instrução e o império: subsídios para a história da educação do Brasil*, publicados entre 1936 e 1938. Não obstante, estes autores e os seus livros não tiveram impacto nos cursos de formação de professores nas escolas normais e nos cursos de pedagogia. A obra de Pires de Almeida foi interdita pelos republicanos vitoriosos em 1889 e só ganhou uma tradução para o português em 1989, cem anos após a sua publicação em francês. Moacyr — ainda que valorizado pelos integrantes do movimento pela escola nova no Brasil, com parte dos seus livros publicados pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) — permaneceu como fonte de consulta para especialistas e estudiosos da história da legislação educacional no Brasil.

Nesse sentido, assim como na Europa e nos EUA, os livros de HE que adentraram os cursos de formação de professores — inicialmente no ensino secundário oferecido pelas escolas normais, criadas no Brasil desde a segunda metade do século XIX, e depois nos cursos superiores de pedagogia, instituídos a partir de 1939 — foram os manuais. Dos manuscritos

à forma impressa — em formato de livro — essas obras integrariam uma literatura pedagógica que ofereceria às suas leitoras e leitores a complementaridade entre dimensões científicas e curriculares, num movimento que passou a legitimá-la para a formação docente. Assim, os livros em sua diversidade de formatos e cores, tornaram-se instrumentos didáticos — mediadores — no processo de leitura e de aprendizagem. Logo, são artefatos que exprimem sentidos naqueles que os manuseiam e são uma extensão da memória da formação docente. (Roballo, 2022, p. 182)

Esses materiais, produzidos em linguagem coloquial, sem os requintes e os obstáculos da linguagem acadêmica, proporcionavam uma comunicação fluída com os leitores. O contato dos professores das escolas normais e dos normalistas com os manuais principiou pelos livros estrangeiros produzidos na Europa. Bastos (2006, p. 337) identificou, no acervo da Biblioteca da Escola Normal de São Paulo e no Catálogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional, a presença, em 1884, dos seguintes autores e títulos: Friedrich Dittes, *Histoire de l'éducation et de l'instruction* (1871); Jules Paroz, *Histoire universelle de la pédagogie* (1868); Paul Rousselot, *Histoire de l'éducation des femmes en France* (1883); Gabriel Compayré, *Histoire critique des doctrines de l'éducation en France depuis le seizième siècle* (1879); e F. A. do Amaral Cirne Júnior, *Resumo da história da pedagogia* (1881). A mesma pesquisadora confirma a presença, nos primeiros sessenta anos do século XX, de mais de sessenta manuais estrangeiros de HE em circulação no país, seja nos acervos das bibliotecas das escolas normais no Brasil ou nas referências das disciplinas ministradas nas escolas normais e nos cursos de pedagogia.

Desse modo, acompanhando o movimento europeu e estadunidense, o Brasil institucionalizou a HE nos cursos de formação de professores, inicialmente como um conteúdo inserido em outras disciplinas e, posteriormente a 1928, como disciplina autônoma. Nesse processo, paulatinamente, os autores de manuais estrangeiros foram sendo substituídos por escritores de manuais brasileiros. Entre os escritos por brasileiros destacamos: René Barreto, *História da pedagogia*, de 1914; Raul Alves, *Esboço histórico e crítico geral da educação*, de 1929; Afrânio Peixoto, *Noções de história da educação*, de 1933; Madre Francisca Peeters e Madre Maria Augusta Cooman, *Pequena história da educação*, de 1936; Bento de Andrade Filho, *História da educação*, de 1941; Theobaldo de Souza Miranda Santos, *Noções de história da educação*, de 1945; Ruy de Ayres Bello, *Esboço de história da educação*, de 1945; e Raul Carlos Briquet, *História da educação: evolução do pensamento educacional*, de 1946.

Na década de 1930, com a reforma promovida por Fernando de Azevedo na Escola Normal do Distrito Federal, a HE foi incluída no currículo de formação de professores como disciplina autônoma e essa medida impulsionou a produção de manuais, que surgiram como “lições convertidas em livro” (Gondra; Ascolani, 2009, p. 49). Nesse período, as condições necessárias para a produção nacional dos manuais de HE foram potencializadas, uma vez que percebemos a conjunção de três fatores: a mencionada circulação de manuais de HE estrangeiros na cultura pedagógica brasileira; a presença da disciplina e de professores de HE nos cursos de formação de professores; e o surgimento de um mercado e, conseqüentemente, de empreendimentos editoriais interessados na publicação e venda desse tipo de material voltado para a escola.

Esse processo, que articulava múltiplas dimensões associadas à expansão e à qualificação da escolarização, ocorreu no âmbito do projeto de reorganização da cultura através da reforma escolar, no percurso do amplo movimento pela escola nova no Brasil, que teve como ponto arquimediano as mudanças na concepção dos cursos de formação de professores. O espírito de mudança teve visibilidade nas reformas legislativas, administrativas, curriculares, mas, também, pela presença de projetos editoriais que visavam dar suporte a esse movimento.

Para Toledo (2001) e Roballo (2012), no contexto brasileiro dos anos de 1930, o empreendimento editorial que se destacou foi o da Companhia Editora Nacional (CEN) que, sob a liderança de Fernando de Azevedo, organizou a Biblioteca Pedagógica Brasileira, a partir de cinco coleções ou séries. Os manuais de HE estavam vinculados à Coleção Atualidades Pedagógicas (CAP); o livro pioneiro de HE desta coleção foi *Noções de história da educação*, de Afrânio Peixoto, publicado em 1933. O segundo manual da CAP, escrito por autor brasileiro, é o livro homônimo ao *Noções* de Peixoto, do intelectual católico Theobaldo Miranda Santos, publicado em 1945. As *Noções* de Peixoto tiveram três edições: 1933, 1936 e 1942. A primeira edição figurou entre os livros de grande tiragem da coleção, com 5 mil exemplares. As *Noções* de Santos tiveram também grande êxito, pois foram nove edições na CAP, de 1945 a 1960, totalizando mais de 60 mil exemplares. Não obstante, o *best-seller* entre os manuais de HE da CAP foi a *História da educação* do estadunidense Paul Monroe que, entre 1939 e 1987, obteve a impressionante cifra de 90 mil exemplares. As dezoito reedições desta obra confirmam o sucesso editorial e pedagógico do livro, que passou a ser fonte incontornável de consulta de professores e alunos das escolas normais e dos cursos superiores de pedagogia.

A CAP seguiu investindo nos manuais de HE nos anos de 1950, porém declinou de fazê-lo com autores brasileiros, em favor da reedição de livros já publicados e na tradução de autores estrangeiros. Nesse processo vieram a lume outros autores e livros, com destaque para o espanhol radicado na Argentina, Lorenzo Luzuriaga, que publicou vários livros pela Companhia Editora Nacional, com destaque para *História da educação e da pedagogia*, de 1955, com dezoito edições. Outro livro de destaque foi *História da pedagogia*, da mesma coleção, do suíço René Hubert, publicado em 1957, com três edições.

A fortuna dos manuais é um fenômeno de grande proporção na HE, na história dos livros e do mercado editorial. Apesar da variedade de textos publicados desde a segunda metade do século XIX, constata-se algumas permanências na sua escrita. Entre os aspectos em comum, dois são os mais importantes. O primeiro remete à concepção de *historia magistra vitae*, que fez da HE — seja na sua condição de disciplina para formação de professores

ou na sua expressão editorial representada pelos manuais — um campo de conhecimento voltado a instruir os professores em formação sobre como ensinar, a partir de exemplos selecionados do passado. Desnecessário mencionar que essa opção produziu uma HE repleta de anacronismos, uma vez que o passado educacional foi indagado e problematizado a partir de questões do tempo presente. A HE, nos termos apresentados por Warde (2000), era uma disciplina que pretendia ser útil, capaz de fornecer ensinamentos aos professores nas suas práticas. Essa opção pragmática, vocacionada para ser guia da ação pedagógica, sacrificava os procedimentos da pesquisa histórica em favor da identificação entre passado e presente, de modo a possibilitar um diálogo, sem mediações, entre as experiências passadas e os problemas enfrentados pelo magistério.

O segundo aspecto que representa uma constância nos manuais de HE — considerando parte significativa da experiência europeia, estadunidense e brasileira — é a opção de estruturação da narrativa histórica adotando a noção de tempo linear e progressivo, cujo foco eram as ideias ou o pensamento pedagógico produzidos pelos chamados grandes pensadores. Nesse sentido, a ação pedagógica evoluía da experiência dos antigos até o tempo presente, tendo cada pensador contribuído com essa cadeia progressiva de ensinamentos sobre a educação das crianças e da juventude. Nessa chave de leitura, o chamado pensamento pedagógico se produziu a partir das experiências de Sócrates e Platão na antiguidade, passando pela patrística e pela escolástica no medievo, pelo pensamento de Comenius, Rousseau e Pestalozzi no mundo moderno, até chegar em Herbart, Claparède e Dewey no século XX. A última e mais refinada pedagogia representa a síntese desse processo histórico, descrito na sua evolução contínua, na qual cabe aos pensadores contemporâneos corrigirem os antepassados e, assim, atualizar a pedagogia. Esse procedimento presentificador permitia, a um só tempo, colocar a pedagogia em sintonia com as demandas do mundo moderno e capacitar os professores para a ação educativa.

A crítica ao modelo da história das ideias e do pensamento pedagógico

Ao longo do século XX, a presença dos manuais seguiu inabalável nos cursos de formação de professores, contudo, a escrita da HE ganhou um novo perfil ao ser alçada ao plano da pesquisa acadêmica. No contexto brasileiro podemos situar esse momento na década de 1950, na Universidade de São Paulo (Usp), quando a HE assume a condição de tema de pesquisa acadêmica. Nesse cenário, identificamos o projeto de construção do conhecimento histórico sobre a experiência educacional no Brasil, ao qual muitos pesquisadores se associaram, sob a coordenação de Laerte Ramos de Carvalho. Acompanhamos Carvalho neste projeto estudiosos reconhecidos como Roque Spencer

Maciel de Barros e Jorge Nagle, cujas obras *A ilustração brasileira e a ideia de universidade*, de 1959, e *Educação e sociedade na Primeira República*, de 1974, repercutiram significativamente no interior do nascente campo acadêmico da HE. Nesse projeto de escrita da HE, a experiência nacional tornou-se o foco principal, de maneira que o cânone dos grandes educadores europeus e estadunidenses foi preterido; contudo, especialmente em Maciel de Barros, a história da educação segue como domínio das ideias e do pensamento. A referência a Wilhelm Dilthey e às *ciências do espírito* (*Geisteswissenschaften*) mantém a escrita da HE no plano do pensamento, ou melhor, nos termos propostos por Maciel de Barros, das mentalidades da chamada geração de brasileiros ilustrados de 1870.

Nas décadas de 1970 e 1980 a HE ganha um lugar na pesquisa desenvolvida pelos programas de pós-graduação, cuja característica principal era a interlocução com o marxismo. Nesse novo cenário, as noções de *ideias* e de *pensamento pedagógico* foram articuladas ao conceito de *ideologia*. Esta categoria, cara ao marxismo, mantinha a ênfase das problematizações no plano subjetivo, ainda que a ideologia fosse pensada como uma resultante imaterial do desenvolvimento das chamadas forças produtivas.²

Em comum entre as gerações de 1950, sob a liderança de Carvalho na Usp, e o processo de consolidação da pesquisa em HE, na década de 1970 e 1980, no âmbito dos programas de pós-graduação, foi a ausência de investimentos em historiografia, ou seja, na produção da análise e da crítica à escrita da história. Dessa forma, as tradições associadas aos horizontes do IHGB e dos manuais de HE dos séculos XIX e XX passou incólume. Soma-se à ausência da crítica historiográfica, a manutenção do interesse pelo pensamento pedagógico, próprio dos modelos da história da filosofia e das ideias.

Bontempi Jr. (2024), analisando os trabalhos discutidos no eixo temático do pensamento educacional, durante o I Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado no Rio de Janeiro em 2000, afirma que

A força conservadora do enlace de filosofia e história da educação e as correlatas acepções do fato educativo como materialização da filosofia de seu tempo; do pensamento como formulação ideal, porém, distante da realidade dos fatos; como discursos que influenciaram ou foram influenciados por realidades educacionais ou, ainda, como inversão ideológica da realidade social sobre o aparato legal e justificador da organização escolar e das políticas públicas mantém relação com a longa permanência de filósofos entre quem se encarregou, não só das disciplinas de história da educação, mas da orientação de pesquisas. (Bontempi Jr., 2024, p. 14)

2 Sobre a presença da HE no interior da pesquisa educacional no Brasil, no contexto dos programas de pós-graduação em educação, nas décadas de 1970 e 1980, ver Barreira (1995).

Na década de 2000 identificamos o surgimento de publicações voltadas para a crítica da escrita da história, de modo que o legado e a herança das diferentes concepções da HE foram colocadas sob o crivo das lentes dos especialistas. Nesse revisionismo crítico, a tradição dos manuais de HE foi problematizada, expondo à comunidade de historiadores as narrativas anacrônicas, lineares, evolutivas e voltadas, predominantemente, para o chamado pensamento pedagógico.³ A chamada história do pensamento pedagógico, segundo Vieira (2009), revela-se intimamente associada ao modelo da história da filosofia e da sua variante história das ideias. A ênfase sobre o significado das ideias e das correntes de pensamento, a organização cronológica dos capítulos, a estruturação de um cânone de obras e de autores consagrados, a relação indireta com as fontes e, sobretudo, a análise das ideias a partir de um método textualista são características gerais que aproximam as escritas da história do pensamento pedagógico à história da filosofia.

Os procedimentos textualistas, próprios da hermenêutica filosófica, contrastam com os métodos contextualistas, inerentes à hermenêutica histórica. O modelo textualista prevê, no seu processo de interpretação, evitar ou desconsiderar a necessidade de estabelecer conexões entre as ideias presentes nos textos examinados (fontes) e os contextos sociais mais amplos, nos quais os autores, as obras, os editores ou os leitores estavam contidos. Esse procedimento, que circunscreve a interpretação ao exame da arquitetura lógica dos textos, produziu uma concepção de história do pensamento filosófico, científico, literário e/ou pedagógico fechada sobre si mesma e repleta de anacronismos de ordens variadas. São inúmeros os críticos e as adjetivações conferidas a essa concepção de história, denominada, na expressão célebre de Lucien Febvre, de *história desencarnada das ideias*. Para Febvre e “para os historiadores dos primeiros *Annales*, a história da filosofia tal como a escrevem os filósofos ilustrou o pior de uma história intelectual desencarnada, fechada sobre si mesma, dedicada em vão ao jogo das ideias puras” (Chartier, 1990, p. 70). Chartier (1990, p. 70) conclui o raciocínio afirmando que a “história da filosofia, que poderia ter constituído o lugar de encontro mais imediato

3 A publicação do livro *Pesquisa em história da educação no Brasil*, organizado por José Gondra, em 2005, confirma, a partir de estudos realizados em todas as regiões brasileiras, a presença regular e significativa do gênero história das ideias pedagógicas na produção do campo da história da educação no Brasil. Neste livro gostaríamos de destacar o capítulo intitulado “História da educação no estado de São Paulo: a configuração do campo e a produção atual (1943-2003)”, no qual Diana Vidal *et al.* (2005) mostram como a história das ideias pedagógicas foi o gênero predominante nas teses e dissertações das principais universidades do estado de São Paulo, entre 1943 a 2003.

[com os estudos históricos], foi na realidade [...] a ocasião para manifestar as maiores diferenças”⁴

A replicação desta crítica, no contexto da HE, também pode ser identificada em inúmeras tradições nacionais no último quartel do século XX, tornando-se uma espécie de truísmo no interior do campo desqualificar os procedimentos textualistas e, sobretudo, limitar a escrita da HE à história das ideias pedagógicas. A escrita da HE, a partir do final dos anos de 1980, traçou um novo rumo, buscando entender a história das experiências educativas com foco em outros problemas, especialmente aqueles vinculados às práticas educacionais que ocorrem no interior da escola. O diálogo da HE com a chamada nova história cultural ensejou, em grande medida, essa transformação, tanto no plano dos problemas e conceitos historiográficos como da tipologia de fontes mobilizada. Em outros termos, esse giro culturalista na HE representou uma negação da história das ideias e do pensamento, seja na versão dos manuais advindos do século XIX ou da sua expressão acadêmica mais refinada, desenvolvida entre as décadas de 1950 e 1980 no Brasil.

O novo momento historiográfico propiciou a seguinte questão: a consagração da crítica ao modelo filosófico-textualista de narrar a HE significava renunciar definitivamente à abordagem histórica das ideias e das teorias pedagógicas? Parte dos pesquisadores do campo entendeu que sim; eram necessários novos objetos, novas fontes e, sobretudo, novas formas de pensar a HE. Esse movimento, extremamente rico e positivo para o campo, passou a explorar conceitos e problemas como cultura escolar, práticas, representações, memórias, carreira docente, infância, leitura e escrita, gênero e etnia, cultura material e espaço e tempo escolar. Nesse enquadramento da questão acima formulada, a história das ideias seria sempre um gênero filosófico, que não se aproximava dos estudos históricos. Porém, outro grupo de pesquisadores respondeu a essa questão de forma diversa, qual seja: é possível manter na pauta historiográfica os estudos sobre o pensamento e as teorias educacionais, contudo, seria necessária uma revisão profunda dos métodos aplicados neste tipo de investigação.

O GPHIE e a escrita da história da educação

Foi nesse cenário de profunda revisão dos modos de escrever a HE que o GPHIE, criado em 2006, se engajou no projeto historiográfico que, a um só tempo, recusava a tradição da história filosófica da educação, mas insistia no estudo histórico do pensamento, das ideias e do discurso educacional. Para esse

4 A expressão de Febvre encontra-se na obra *Combates pela história* (1989). Sobre a crítica à história das ideias e da filosofia ver Quentin Skinner, *Meaning and Understanding in the History of Ideas* (2002).

empreendimento de pesquisa e escrita da HE foi necessário construir, paulatinamente, uma interlocução com outros projetos historiográficos, entre os quais destacamos: a história dos intelectuais, a história intelectual e a dos conceitos.

A história dos intelectuais tem nas culturas historiográficas francesa e italiana grande desenvolvimento, e liga-se intimamente à história política. Já a história intelectual é parte de um movimento mais recente e, portanto, difícil de ser definido, tanto em termos de presença nas diferentes culturas historiográficas nacionais como em termos de métodos e de objetos compartilhados. Em outras palavras, sob a denominação de história intelectual identificamos uma multiplicidade de possibilidades, envolvendo tanto os estudos dos pensadores clássicos da política, da filosofia ou da ciência, como as formas de pensamento, conceitos ou representações sociais produzidas por homens ou mulheres que viveram às margens do campo intelectual e/ou editorial.⁵

Outro projeto historiográfico considerado foi a história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*), tendo o historiador alemão Reinhart Koselleck como a sua maior expressão. Nessa perspectiva, o foco recai sobre a historicidade dos conceitos, especialmente aqueles mobilizados no discurso público. O ponto em comum entre esses projetos historiográficos é a oposição às ideias desencarnadas, ao método textualista da tradição da história da filosofia e das ideias, de maneira que, tanto a história dos intelectuais como a história intelectual e dos conceitos, se revelaram atraentes para todos aqueles, incluído o GPHIE, interessados em seguir explorando, a partir de perspectivas genuinamente históricas, os temas das ideias e do pensamento.

O diálogo com esses três projetos historiográficos não ocorreu de forma simultânea. A história dos intelectuais foi a primeira frente de interlocução, seguida pelo estudo e a apropriação da história intelectual, especialmente do contextualismo linguístico (CL). Na segunda metade da década de 2010, a história dos conceitos foi incorporada às discussões do grupo.

No que tange à história dos intelectuais, nos primeiros anos de funcionamento do grupo, a porta de entrada foi a obra do intelectual italiano Antonio Gramsci. Seu estudo possibilitou olhar não somente para a historicidade das ideias, mas, sobretudo, para as práticas sociais dos intelectuais que protagonizavam a elaboração e a disseminação de teorias e de projetos educacionais. A tese

5 Os estudos na Itália sobre a história dos intelectuais seguiram, em grande medida, a inspiração dos estudos de Gramsci sobre o papel político dos intelectuais italianos. A história dos intelectuais na França também foi produzida em íntima associação com a história política; para uma ideia da recente produção nesta área, ver *Por uma história política*, organizada por René Rémond (2003). Como exemplo de estudo instigante sobre a formação intelectual de estratos sociais subalternos na Idade Média, ver *O mendigo e o professor: a saga da família Platter no século XVI*, de Emmanuel Le Roy Ladurie (1999).

gramsciana sobre os intelectuais como organizadores da cultura supõe as ideias em relação aos seus agentes, de modo a enfatizar a encarnação do pensamento nos atores sociais. Sua obra ofereceu aos estudos históricos uma ampliação do conceito de *intelectuais*, considerando tanto os intelectuais reconhecidos pela sua produção teórica como aqueles responsáveis pela difusão de correntes de pensamento para os diferentes grupos sociais. Isso que, contemporaneamente, a historiografia denomina como intelectuais mediadores.

Apesar dos ganhos que a interlocução com Gramsci propiciou no sentido de encarnar os agentes sociais e afirmar a centralidade da ação dos intelectuais na organização da cultura, percebemos algumas dificuldades na operação com as suas categorias. Entre essas dificuldades se destacaram as resistências do grupo de operar plenamente com a noção de intelectual, adjetivado, por Gramsci, como orgânico. Este conceito de *intelectual*, em sentido amplo, pressupõe pensá-lo como protagonista engajado na organização de projetos políticos e culturais. Todavia, em sentido estrito, a arquitetura lógica do conceito conduz a relacionar os intelectuais com as chamadas classes sociais fundamentais que, no contexto de produção da obra gramsciana nos anos de 1920 e 1930, eram representadas pela burguesia e pelo proletariado. Nos *Cadernos do cárcere* (*Quaderni del carcere*), obra-chave para compreensão do pensamento de Gramsci, este pensador não define precisamente os intelectuais, pois ora eles foram entendidos como funcionários dos grupos sociais fundamentais (sentido estrito), ora eles foram definidos como grupo social que detém autonomia relativa em relação aos interesses das classes sociais em disputa. O caráter labiríntico e inacabado dos escritos carcerários gramscianos — produzidos em um contexto de aprisionamento e isolamento, e que nunca foram sistematizados para publicação pelo próprio autor — revela as suas potencialidades, mas também os seus limites.

A opção em pauta — diante das antinomias do pensamento de Gramsci e, sobretudo, do risco do esquematismo na interpretação histórica — foi trabalhar o conceito de *intelectual* em seu sentido amplo, ou seja, sem enfrentar decisivamente a questão das relações entre os intelectuais analisados pelas pesquisas e o momento econômico estrutural no qual eles estavam contidos. Em outros termos, predominou o uso da noção da autonomia relativa que, em certa medida, favorecia a crença do intelectual como agente livre e autônomo, tanto na formulação do seu discurso, como na sua tomada de posição política. Não obstante, a noção de autonomia relativa revelava-se demasiadamente vaga e, portanto, incapaz de explicar com precisão os condicionamentos sociais aos quais os intelectuais estavam submetidos. Nesse sentido, uma nova frente de interlocução foi aberta com a leitura da obra de Pierre Bourdieu que,

no entanto, não suspendeu o diálogo com Gramsci, que segue inspirando diversos pesquisadores do grupo.

Com Bourdieu aprendemos a lidar com as determinações, com os constrangimentos que permitem perceber os intelectuais e as suas ideias em contextos estruturados e estruturantes, contudo, a partir de escalas mais bem dimensionadas pelos conceitos de campo, *habitus* e capital. A vinculação arbitrária entre os sujeitos e os interesses de classe, presente em parte das formulações marxistas, pôde ser evitada com a noção bourdieusiana de campo, uma vez que esta permite a compreensão das mediações interpostas entre o indivíduo e a classe social que, por sua vez, assumem expressão empírica nas linguagens manipuladas, nos valores e nos comportamentos compartilhados. Nesse cenário, a apropriação do pensamento do sociólogo francês permitiu aos pesquisadores explicarem, apoiados em uma teoria bem estruturada, como muitos comportamentos e ideias assumidos como originais e singulares — pelos próprios intelectuais investigados e reforçados pelos seus hagiógrafos — eram parte integrante de uma lógica social, produzida em espaços profissionais, religiosos, políticos ou familiares. Essa operação foi possibilitada pela compreensão que a sua teoria oferece para pensarmos as determinações sociais em um plano que não é apenas o econômico, das classes sociais, pois as próprias práticas dos intelectuais, inseridos na lógica dos seus campos de atuação, produzem a dialética de liberdade e de constrangimento que explicam as tensões e as contradições da experiência social.

Outra contribuição importante de Bourdieu para a escrita do grupo foi a sua noção de trajetória, uma vez que os estudos dos intelectuais envolvem, inexoravelmente, a compreensão de aspectos associados à história de vida dos sujeitos categorizados como intelectuais. Assim, o grupo assimilou o forte impacto, na historiografia, da crítica bourdieusiana às narrativas biográficas e autobiográficas. Para o sociólogo, a tradição da escrita biográfica padece da *illusio*, uma vez que cria o efeito de vida coerente, representando a experiência dos atores históricos como uma série lógica e harmonizada de acontecimentos. Para evitar esse tipo de falseamento racionalizador e apaziguador nas histórias de vida, marcadas, invariavelmente, pela presença de contradições, acasos, irracionalismos e descontinuidades, Bourdieu sustentou a noção de trajetória. Essa forma de percepção supõe a história de vida como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um agente num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (Bourdieu, 2006, p. 189). Para ele, os acontecimentos biográficos se explicam “como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado” (Bourdieu, 2006,

p. 190). Essa noção possibilitou um refinamento na apreensão da dialética entre indivíduo e sociedade, evitando tanto a representação da completa liberdade de escolha dos indivíduos, como a percepção inversa da impotência destes perante a lógica determinante das estruturas sociais. Essa visão, antípoda da hagiografia, supõe que “a história deve ser concebida estruturalmente, desde que entendamos as chamadas estruturas sociais como espaços de sociabilidade, nos quais os indivíduos e os grupos sociais se movimentam, lutam pelos seus projetos e criam uma dinâmica social e histórica própria e imprevisível” (Vieira; Oliveira, 2010, p. 528).

A recepção de Bourdieu no GPHIE foi matizada, também, por muitos cuidados. Desde o início das leituras da sua obra, insistimos na premissa metodológica que exige que as pesquisas históricas expressem resultados que sejam frutos da permanente tensão entre os testemunhos das fontes — que expressam o comportamento rebelde e errático dos sujeitos históricos —, e a lógica formal das categorias abstratas, adotadas para servir como suporte para a análise. Esse cuidado foi especialmente importante na leitura, pois a densidade lógica do seu pensamento e o princípio de integração que governa o seu aparato conceitual favorece a miragem, que induz a confundir a lógica da teoria com a própria realidade.

Outra questão importante de ser mencionada, que vale para a apropriação não somente de Bourdieu, mas de qualquer fonte de interlocução teórica, está em evitar a aplicação automática e esquemática dos conceitos do pesquisador para o contexto de pesquisa em HE no Brasil. Um bom exemplo dos riscos dessa transposição é o conceito de *campo*, que, em Bourdieu, exige a percepção da autonomia do espaço social investigado em relação a outros correlatos. Na esfera educacional brasileira, por exemplo, é muito difícil pensar, nos contextos dos séculos XIX e XX, em um campo educacional autônomo, independente das imposições da política e da economia, da forma como o pensador francês traçou a emergência e a afirmação do campo literário na França do século XIX. Sendo assim, esse é um cuidado que tem acompanhado o uso desse conceito e de outros nas pesquisas do grupo, ou seja: se faz necessário adaptar, resignificar, ajustar as categorias produzidas em contextos de pesquisa diferenciados da HE no Brasil.

No diálogo com a história dos intelectuais, especialmente com Gramsci e Bourdieu, uma formulação sobre o conceito de *intelectual* — considerando o contexto brasileiro entre os anos de 1870 e 1960 — repercutiu em diversos trabalhos dos pesquisadores do grupo. Trata-se da formulação de Vieira (2011), que identificou nos seus estudos sobre intelectuais brasileiros vinculados ao campo educacional quatro características que os distinguiam como

agente coletivo e/ou elite cultural. Para o pesquisador, os aspectos decisivos para entendermos o comportamento público dos intelectuais são:

- 1) sentimento de pertencimento ao estrato social que, ao longo dos séculos dezanove e vinte, produziu a identidade social do intelectual; 2) engajamento político propiciado pelo sentimento de missão ou de dever social; 3) elaboração e veiculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade; 4) assunção da centralidade do Estado como agente político para a efetivação do projeto moderno de reforma social. (Vieira, 2011, p. 29)

Essa formulação tem servido como suporte conceitual para muitas pesquisas sobre os intelectuais no GPHIE. Cabe destaque, também, ao investimento do grupo em problematizar cada vez mais trajetórias de mulheres intelectuais, além de negros e sujeitos das classes subalternas. A história dos intelectuais, em grande medida, foi espaço exclusivo dos homens brancos oriundos de classes sociais abastadas. Nesse sentido, visando desnaturalizar essa representação, as categorias de gênero, classe e etnia passaram a compor os projetos e as publicações do grupo. Em síntese, indicadas estas impressões sobre a recepção de Gramsci e de Bourdieu nos estudos do grupo, podemos afirmar que esses diálogos colocaram as pesquisas em sintonia com problemas e métodos associados à história dos intelectuais e à história do campo intelectual.

Compondo os estudos sobre a história dos intelectuais, destaca-se, a partir do final dos anos 2000, a interlocução do grupo com a história intelectual. Como afirmamos anteriormente, o termo história intelectual reúne um conjunto diversificado de opções e de tradições historiográficas. Nesse sentido, a interlocução prevalente no grupo foi com o chamado contextualismo linguístico (CL), cujos principais formuladores são os historiadores do pensamento político Quentin Skinner e John Pocock. Os autores vinculados ao projeto historiográfico do CL, assim como Gramsci e Bourdieu, somam-se à crítica do tipo de história das ideias desencarnada e textualista. Talvez, neste aspecto, sejam os autores associados ao CL que expressaram de maneira mais sistemática essas oposições. Não obstante, para além do movimento de crítica, o CL oferece métodos capazes de apreender as ideias nos seus contextos de enunciação, de forma a produzir estudos eminentemente históricos, buscando estabelecer os liames entre o plano subjetivo dos sentidos (ideias e discursos) e o plano objetivo das práticas sociais.

A grande contribuição do CL para os trabalhos desenvolvidos no GPHIE tem sido, por um lado, a possibilidade que os seus métodos oferecem para a interpretação de fontes, pois as suas teorias estão solidamente apoiadas nos estudos sobre o funcionamento da linguagem ordinária. Por outro lado, propicia estudos que não estão necessariamente focados nas trajetórias de intelectuais, mas sim em movimentos culturais mais amplos, situados nos planos

da circulação e da recepção de discursos formativos. O contextualismo tem sido uma opção para aqueles que têm pensado na estruturação (morfologia), no funcionamento (retórica) e, sobretudo, nos usos sociais do discurso educativo (pragmática). Algumas orientações gerais do CL foram amplamente incorporadas em muitas das pesquisas do grupo, tais como a necessidade de acessarmos as crenças e os conceitos normativos que regem os processos de enunciação da *intelligentsia* engajada na produção do discurso educacional, bem como o axioma, repetido inúmeras vezes por Skinner, de que o entendimento histórico do discurso, seja ele político ou educacional, supõe a compreensão do projeto político ou intelectual ao qual o agente da enunciação está vinculado. Trata-se da questão, tão polêmica entre os críticos de Skinner, da apreensão da intencionalidade ou da força ilocucionária do autor nos seus atos de comunicação.

Nesse sentido, o contextualismo permite compreender as ideias educacionais como discurso e linguagem, ou melhor, como um *jogo de linguagem* praticado em espaços e contextos históricos precisos. Esse jogo envolve regras estabelecidas tacitamente para a enunciação e o protagonismo dos enunciantes no sentido de reiterar ou de subverter as convenções estabelecidas. O CL, segundo Vieira (2017), embora se concentre na análise do discurso, da linguagem e da retórica, pode contribuir também para o estudo das práticas educacionais. As práticas, entendidas como experiências em grande medida inacessíveis à pesquisa histórica, só são passíveis de ser imaginadas e representadas na narrativa histórica em razão do caráter locucionário ou descritivo da linguagem. Em outros termos, se não temos acesso direto às práticas pedagógicas realizadas no passado, somos obrigados a representá-las e interpretá-las com base nos vestígios presentes nos textos, sejam escritos ou imagéticos. Assim, ainda que não possamos estabelecer uma relação causal entre discurso e prática social, entre palavras e ações, podemos adotar como hipótese que mudanças na linguagem são indícios de mudanças nas práticas. Como afirmou Skinner (1999, p. 86): “o que é possível fazer em política é geralmente limitado pelo que é possível legitimar. O que se pode esperar legitimar, contudo, depende de que curso de ação se pode plausivelmente alcançar sob princípios normativos existentes”.

Nesse sentido, estudar as práticas educacionais pressupõe entender o funcionamento da linguagem, considerando o léxico corrente em cada contexto, bem como os termos que, no interior desse léxico, assumem contornos de conceitos normativos. Lembremos que — nas teorias de Ludwig Wittgenstein e de John L. Austin sobre o funcionamento da linguagem, que inspiraram o CL — as palavras são assumidas como ações, ou melhor, como atos de fala. Esta interpretação enfatiza o caráter performático da linguagem, ou seja, o efeito pro-

vocado pela linguagem sobre a audiência. Em síntese, podemos afirmar que o diálogo com o CL possibilita à HE pensar o discurso educacional com base em seus contextos de produção, circulação e recepção. Essa opção favorece a escrita de uma HE articulada à história das linguagens, da circulação dos saberes, das profissões ligadas à esfera cultural, das formas de transmissão da cultura e dos meios e dos lugares institucionais de construção do conhecimento.

O foco na linguagem como objeto de problematização histórica reflete uma tendência no âmbito da história intelectual que, paulatinamente, adentra o campo de pesquisa em HE. O assim chamado giro linguístico, em interlocução com a filosofia da linguagem e a análise do discurso, colocou em evidência a centralidade da linguagem, entendida como processo histórico de produção de sentidos sobre o mundo. Para além da descrição do mundo, a linguagem é compreendida como uma forma de intervenção na realidade, capaz de atuar sobre os indivíduos, seja na formação e na internalização de valores e crenças ou na orientação de ações e comportamentos.

Como um dos últimos movimentos teóricos e historiográficos do GPHIE nesses vinte anos de existência, queremos destacar a interlocução do grupo com a história dos conceitos. Para Koselleck (2006, p. 109), “os conceitos são, portanto, vocábulos nos quais se concentra uma multiplicidade de significados [...]. Um conceito pode ser claro, mas deve ser polissêmico”. Os conceitos são termos plásticos e que transcendem os seus contextos originais de enunciação, projetando-se no tempo e no espaço. Os conceitos são registros da realidade, indicadores de mudanças na vida social, mas também fatores de transformação da própria realidade. Nos termos postos por Koselleck, os conceitos fundamentais para a estruturação do debate político têm uma dupla dimensão: eles refletem o espaço de experiência, a realidade daqueles que o enunciam e, também, os horizontes de expectativa, ou seja, aquilo que os seus enunciadores projetam como possibilidade de futuro.

Os conceitos podem ser identificados a partir de duas perspectivas: a semasiológica, considerando as palavras e os seus significados, e a onomasiológica, quando um mesmo significado está presente em diferentes palavras. Nessa operação, cabe ao investigador identificar os conceitos análogos ou correlatos e os opostos ou antitéticos que participam da formação de um determinado campo semântico.

A história dos conceitos permite estudar os termos fundamentais presentes na linguagem, os quais funcionam como elementos estruturantes dos argumentos que produzem a legitimação das práticas sociais, como a educação. Nesse sentido, o estudo dos conceitos não se apresenta como reflexão abstrata, tal como se procede no campo da lógica e da epistemologia, uma vez que a história dos conceitos pressupõe uma relação tensional e permanente entre linguagem e realidade, posto que “os acontecimentos históricos e a sua consti-

tuição linguística estão entrelaçados” (Koselleck, 2006, p. 236). Apoiados nessa perspectiva, temos desenvolvido estudos associados à análise de inúmeros conceitos fundamentais do discurso educacional, entre os quais destacamos o conceito de *currículo* (Meira, 2024), *formação* (Vieira; Faria, 2019; Vieira, 2021), *arte infantil* (Osinski; Cunha, 2024), *livre expressão* (Cunha, 2021), *expressão gráfica* (Silva; Vaz, 2024), *universidade* (Faria, 2024), *arte na educação* (Santini, 2024), *intelectual* (Bortoloti, 2024), entre outros trabalhos publicados.

O diálogo e a apropriação na escrita da HE dos projetos historiográficos que tomam a linguagem como problema e método — especialmente o CL e a história dos conceitos — têm possibilitado abranger diversos problemas, entre os quais destacamos: as trajetórias dos atores linguísticos e as suas intenções ao proferir determinados discursos ou enunciados; o caráter performativo do discurso, evidenciado pelos efeitos que provoca sobre as plateias; as redes sociais de comunicação, envolvendo sujeitos e lugares de enunciação; o léxico disponível e mobilizado nos jogos de linguagem das diferentes comunidades discursivas; a historicidade dos conceitos, revelada pela análise diacrônica da variação semântica do significado das palavras; bem como a polissemia dos conceitos, produto das diversas camadas de significados acumuladas pelo uso dos termos na média e na longa duração histórica.

Conclusão

A apropriação das ideias de Gramsci, Bourdieu, Skinner, Pocock e Koselleck no âmbito do GPHIE não deve ser pensada como um processo que obedece a uma lógica linear ou evolutiva. É possível datar o início do diálogo com cada um destes autores, ou os momentos em que eles foram coletivamente estudados, de forma particular, sistemática e exaustiva. Contudo, o que predomina neste processo de leitura e de apropriação é um diálogo que, permanente e simultaneamente, examina, confronta e compara essas produções. Portanto, o diálogo com uma destas teorias não significou o rompimento da interlocução com as outras, de modo que todas permanecem presentes nas reflexões do grupo. Essa permanência e simultaneidade na discussão foram resultantes da compreensão de que não existem oposições ou conflitos irreconciliáveis entre elas, embora tenham ficado claras as diferenças que separam cada uma delas, devido às distâncias significativas entre os projetos intelectuais que deram origem a estas formulações.

Nesse sentido, a lógica que regeu a incorporação ou não destes autores nas pesquisas foi a compatibilidade das suas teorias em relação à especificidade dos objetos investigados. Em outros termos, verificamos que alguns pesquisadores privilegiaram apenas uma dessas teorias, enquanto outros combinaram, em proporções variáveis, aspectos do CL, que prima pela análise da linguagem,

com Gramsci ou Bourdieu e as suas potencialidades para pensar trajetórias e redes de sociabilidade intelectual. Outros utilizaram Gramsci e Bourdieu e não se envolveram com o CL; enfim, são inúmeras as possibilidades, sem considerar o número expressivo de pesquisadores que seguem, sem nenhum constrangimento, com outros referenciais. A chamada nova história cultural, por exemplo, tem sido mobilizada por inúmeras publicações de pesquisadores do grupo desde os tempos de fundação do GPHIE e seguem funcionando como aportes teóricos e historiográficos.

É importante destacar, também, que essas diferenças nas predileções teóricas não produziram nenhum tipo de tensão no interior do grupo, uma vez que o compromisso dos *gphianos* e *gphianas* é com o conhecimento histórico e não com as teorias que podem ou não fazer sentido na sua construção. Um último aspecto a ser mencionado é o princípio da seletividade que, a rigor, orienta todo processo de apropriação. O diálogo com cada uma dessas teorias pautou-se pela incorporação, nos diferentes cenários de pesquisa, de um grupo limitado de conceitos, sem qualquer compromisso de apreensão integral do modelo teórico. Essa opção pela seletividade integra-se à noção de que apropriação “é ação afirmativa, é invenção e criação e não simplesmente recepção mecânica e automática de sinais e mensagens” (Chartier, 1999, p. 77).

Por fim, devemos dizer que optamos por limitar a avaliação desses vinte anos de estudos, pesquisas e publicações do GPHIE aos diálogos teóricos, porém, seria possível e, talvez, até mais necessário, um esforço reflexivo a partir da tipologia de fontes utilizadas nos diferentes estudos. Outro caminho poderia ter explorado os objetos ou períodos históricos privilegiados, contudo, essas questões não serão aqui mencionadas. Ficam como sugestão para o balanço a ser realizado nos trinta anos do GPHIE.

Referências

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Instrução pública no Brasil (1500-1889): história e legislação*. 2. ed. rev. São Paulo: Educ, 2000.

BARREIRA, Luiz Carlos. *História e historiografia: as escritas recentes da história da educação brasileira (1971-1988)*. 258 f. Tese (Doutorado em História da Educação) — Unicamp, Campinas, 1995.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a ideia de universidade*. São Paulo: Edusp, 1986.

BASTOS, Maria Helena Camara. Uma biografia dos manuais de história da educação adotados no Brasil (1860-1950). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. *Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação*: anais. Uberlândia: Edufu, 2006.

BONTEMPI JR., Bruno. Uma nova-velha história das ideias: pensamento educacional no I Congresso Brasileiro de História da Educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 50, e272750, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202450272750>. Acesso em: 16 out. 2025.

BORTOLOTI, Karen Fernanda da Silva. O conceito de intelectual no discurso educacional de Anísio Teixeira. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; MEIRA, Leticia Mara de (org.). *História intelectual e educação: linguagens e conceitos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2024. p. 431-454.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-192.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador — conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CUNHA, Amanda Siqueira Torres. *O conceito de livre expressão infantil no Brasil: sentidos e designações entre arte e educação (1920-1970)*. 401 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

FARIA, Maria Cristiane Nunes de. O conceito de universidade moderna no inquérito da Associação Brasileira de Educação (1929). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; MEIRA, Leticia Mara de (org.). *História intelectual e educação: linguagens e conceitos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2024. p. 489-514.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989.

GONDRA, José Gonçalves (org.). *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GONDRA, José Gonçalves; ASCOLANI, Adrian. Pela classe, pelo livro: a fundação de uma história da educação para professores, no Brasil e na Argentina. In: ASCOLANI, Adrian; VIDAL, Diana G. (org.). *Reformas educativas no Brasil e na Argentina: ensaios de história comparada da educação (1820-2000)*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 35-55.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Torino: Einaudi, 1977.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *O mendigo e o professor: a saga da família Platter no século XVI*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MEIRA, Leticia Mara de. A emergência do conceito de currículo: um estudo a partir dos dicionários de língua portuguesa (1712-1832). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; MEIRA, Leticia Mara de (org.). *História intelectual e educação: linguagens e conceitos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2024. p. 457-488.

MOACYR, Primitivo. *A instrução e o império: subsídios para a história da educação no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936-1938. 3 v.

MONROE, Paul. *História da educação*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira república*. São Paulo: EPU, 1974.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio; CUNHA, Amanda. O conceito de arte infantil em disputa: aproximações e distanciamentos entre Anita Malfatti e Mário de Andrade (1920-1930). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; MEIRA, Leticia Mara de (org.). *História intelectual e educação: linguagens e conceitos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2024. p. 119-150.

PEIXOTO, Afrânio. *Noções de história da educação*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. *Manuais de história da educação da Coleção Atualidades Pedagógicas (1933-1977): verba volant, scripta manent*. 374 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. Para além das fronteiras de seus países de origem: o itinerário dos manuais de história da educação publicados para subsidiar a formação de professores no Brasil. *História da Educação*, Porto Alegre/Santa Maria, n. 25, e106714, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/106714>. Acesso em: 16 out. 2025.

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. Uma história de leituras para a formação de professoras e professores paranaenses (1900-1980). *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 161-185, set./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/23014>. Acesso em: 16 out. 2025.

SANTINI, Jacyara Batista. Arte na educação: sentidos do conceito na escolinha de arte do Colégio Estadual do Paraná (1960-1970). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; MEIRA, Leticia Mara de (org.). *História intelectual e educação: linguagens e conceitos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2024. p. 297-320.

SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de história da educação*. 9. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

SILVA, Rossano; VAZ, Adriana. Expressão gráfica: mudanças de um conceito no âmbito do ensino superior (2000-2010). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; MEIRA, Leticia Mara de (org.). *História intelectual e educação: linguagens e conceitos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2024. p. 45-80.

SKINNER, Quentin. *Liberdade antes do liberalismo*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the History of Ideas. In: SKINNER, Quentin. *Visions of politics: regarding method*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 1 v.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) — Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

VIDAL, Diana; VICENTINI, Paula Perin; SILVA, Katiene Nogueira da; SILVA, Claudio Sooma. História da educação no estado de São Paulo: a configuração do campo e a produção atual (1943-2003). In: GONDRA, José Gonçalves (org.). *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 157-220.

VIEIRA, Carlos Eduardo. História da educação e história da filosofia: culturas cruzadas a partir das concepções de história e de escrita da história em Hegel. *Proposições*, Campinas, v. 20, n. 1, p. 189-206, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072009000100011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 16 out. 2025.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil. In: ALVES, Claudia; LEITE, Jussara (org.). *Intelectuais e história da educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Vitória: Edufes, 2011. v. 1. p. 25-54.

VIEIRA, Carlos Eduardo. José Ricardo Pires de Almeida entre duas vocações: a política e a ciência. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 14, n. 3, p. 753-771, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/33134>. Acesso em: 16 out. 2025.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Contextualismo linguístico: contexto histórico, pressupostos teóricos e contribuições para a escrita da história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 17, p. 31-55, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38432>. Acesso em: 19 dez. 2024.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Independência, democracia e formação no discurso da Associação Brasileira de Educação: 1927-1945. *História da Educação*, Porto Alegre/Santa Maria, v. 25, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/106131>. Acesso em: 19 dez. 2024.

VIEIRA, Carlos Eduardo; FARIA, Maria Cristiane Nunes de. Formação de professores nos debates da I Conferência Nacional de Educação (ICNE-1927). *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 4, p. 95-111, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/391>. Acesso em: 19 dez. 2024.

VIEIRA, Carlos Eduardo; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Thompson e Gramsci: História, política e processos de formação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 519-537, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200012>. Acesso em: 16 out. 2025.

VIÑAO FRAGO, Antonio. La historia de la educación en el siglo XX: una mirada desde España. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, Ciudad de México, v. 7, n. 15, p. 223-256, maio/ago. 2002.

WARDE, Mirian Jorge. Questões teóricas e de método: a história da educação nos marcos de uma história das disciplinas. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis (org.). *História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas: Autores Associados, 2000.

COORDENAÇÃO DO PPGE

Marcus Levy Albino Bencostta é professor titular em História da Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR), com pós-doutorado pela *École Nationale Supérieure d'Architecture de Versailles* (França). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR (gestão 2023-2025), bolsista produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e fundador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar (NEPHARquE).

“É com imensa alegria e orgulho que celebramos os 20 anos do Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação (GPHIE), da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Ao longo de duas décadas de trajetória, o GPHIE consolidou-se como um espaço de excelência na produção acadêmica, na reflexão crítica e na construção de conhecimento no campo da História da Educação, contribuindo de forma significativa para o avanço intelectual e científico da área.

Nesses anos, o GPHIE se destacou pela dedicação à investigação das trajetórias dos agentes educativos, suas redes de sociabilidade e estratégias discursivas. Por meio de um trabalho rigoroso e interdisciplinar, o grupo conseguiu articular os sentidos subjetivos dos discursos educacionais às práticas sociais, fortalecendo uma historiografia da educação conectada às práticas culturais, políticas e linguísticas, e ampliando os horizontes da pesquisa histórica e educacional.

Parabenizamos todos os integrantes do GPHIE, do passado e do presente, por sua trajetória inspiradora e pelos resultados alcançados, que tanto fortalecem a UFPR quanto enriquecem a comunidade acadêmica nacional e internacional. Este marco não é apenas motivo de celebração, mas também uma oportunidade

para renovar compromissos e alimentar a inspiração para enfrentar os desafios que os próximos anos trarão, com novas conquistas e avanços.

Vida longa ao GPHIE! Que os próximos 20 anos sejam tão produtivos e significativos quanto os que comemoramos hoje.

Parabéns a todos que fazem parte dessa história!”



Marcus Levy Albino Bencostta
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR
Gestão 2023-2025

COORDENAÇÃO DO GPHIE

Carlos Eduardo Vieira

Professor titular na UFPR, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação desde 1998. Doutor em história e filosofia da educação (PUC-SP-1998). Pós-doutorado nas universidades de Quilmes-ARG (2022), Stanford-EUA (2015) e Cambridge-UK (2008). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2002. Foi presidente da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE, 2015-2019) e editor-chefe da *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE, 2024-2026). E-mail: cevieira9@gmail.com

“Participei direta e ativamente da formação do GPHIE em 2006 e venho, desde então, coordenando o grupo. Todos os meses, nestes vinte anos de atividade ininterrupta do grupo, me preparo ansiosamente para as reuniões, pois tenho sempre a certeza de que vou reencontrar amigos e amigas muito caros e que, nesse convívio fraterno, discutiremos problemas historiográficos e educacionais de grande relevância. Nessa experiência, o que mais me toca é ver a formação de jovens pesquisadores, que ingressam no grupo como graduandos e anos mais tarde se tornam mestres e doutores. Assistir e contribuir com esses percursos é algo que me encanta, que me torna mais convicto da máxima, amplamente disseminada no tempo e no espaço, de que a educação transforma. A minha experiência como pesquisador vem percorrendo as fronteiras entre a história intelectual, dos intelectuais e dos conceitos, tendo como ponto de intersecção a

história da educação. Nesse percurso, investigo a trajetória de intelectuais que assumiram posições de destaque na formulação de discursos sobre a formação do povo brasileiro, entre os anos de 1870 e 1960. Nesse período, identifico diferentes gerações de intelectuais que se engajaram em amplos projetos de reformas sociais, tendo como instrumento dessa intervenção ações relacionadas à educação. Entendemos a educação, tanto na dimensão da escolarização formal pela via da escola pública e universal, como no processo de formação dos modos de pensar e agir no contexto do debate público, a partir da imprensa, de associações científicas e culturais, de igrejas e/ou de projetos editoriais. O foco privilegiado nas pesquisas tem sido a linguagem, ou seja, o modo como estes intelectuais, a partir de diferentes púlpitos, falam sobre educação e formação, considerando especialmente os conceitos que articulam os jogos de linguagem e o campo semântico aos quais estes atores linguísticos estão associados.”



Dulce Regina Baggio Osinski

Professora aposentada do Departamento de Artes da UFPR, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa História e Historiografia da Educação desde 2008. Doutora em educação (UFPR-2006). Pós-doutorado em educação (UERJ-2015). Participou do Programa Erasmus+ na Academia de Belas Artes de Zagreb, Croácia (2016). Coordenadora do GPHIE-UFPR junto ao diretório do CNPq. Artista plástica com participações em exposições individuais e coletivas e obras em acervos no Brasil e no exterior. *E-mail:* dulceosinski@gmail.com



Crédito: Ricardo Carneiro Antonio

“Tive a sorte de testemunhar o momento de fundação do GPHIE, ainda quando doutoranda do PPGE-UFPR, o qual congregava em seus primórdios apenas o professor Carlos Eduardo Vieira e seus orientandos. As reuniões periódicas para o aprofundamento da teoria e discussão de pesquisas foram fundamentais para que eu prosseguisse com minhas investigações históricas e ingressasse mais tarde como docente na linha de História e Historiografia do Programa. Ao longo desses 20 anos o grupo cresceu e passou a acolher outros docentes, seus orientandos, bem como outros interessados. Me encanta seu caráter aberto e inclusivo, e admiro a interação acadêmica e afetuosa entre os estudantes de graduação, mestrandos, doutorandos e doutores. É muito bom poder contribuir com a formação de novos pesquisadores! Minha aproximação com a história da educação se deu desde a pesquisa de mestrado, mesmo que ainda de forma intuitiva, quando estudei o ensino de arte no Paraná tendo como objeto cinco artistas e educadores — Mariano de Lima, Alfredo Andersen, Emma e Ricardo Koch e Guido Viaro.

Já no doutorado, tive uma experiência mais plena com a história dos intelectuais ao investigar a trajetória de Guido Viaro e as relações entre arte e educação. Desde então, abriu-se para mim um vasto campo de possibilidades que incluiu não só o interesse por outros intelectuais paranaenses, tais como Erasmo Pilotto e Raul Gomes, mas também por fenômenos como as exposições de arte infantil, pelo papel de impressos no contexto educacional e pelas ações da Unesco para a educação em arte, entre tantos objetos já investigados. As parcerias com orientandos também têm sido muito frutíferas, desafiando-me a ampliar o leque de pesquisas para outras abordagens, como a história dos conceitos.”

PROFESSORES GPHIE/UFPR

Adriana Vaz

Professora associada III do Departamento de Expressão Gráfica (Degraf), do Setor de Ciências Exatas (UFPR), atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, desde 2020. Também na UFPR, foi vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino (2019-2024). Doutorado em sociologia (UFPR-2011) e pós-doutorado em educação: conhecimento e inclusão social (UFMG-2017). Em 2025, iniciou o segundo pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (UTFPR). *E-mail:* adriana.vaz@ufpr.br



Crédito: Rossano Silva

“Meu ingresso no GPHIE foi ‘culpa’ do Rossano. Ele me apresentou ao professor Carlos Eduardo, lá em Maringá, no VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, em 2015. Então, a partir de 2016, comecei a participar do GPHIE ao aceitar o convite do professor Carlos Eduardo durante o evento. Em 2015, eu, Rossano e outros colegas estávamos pesquisando sobre a história do ensino de desenho e da expressão gráfica, abordando sobre o Degraf. O vínculo com o GPHIE me possibilitou a realização do pós-doutorado na UFMG, com a supervisão do professor Marcus Taborda, e despertou meu interesse em ingressar no PPGE. Sou grata às parcerias realizadas com o grupo pois, além de contribuir para o meu retorno à pesquisa acadêmica, foi onde adquiri familiaridade com a história da educação. Olhando para o percurso de 22 anos de docência, considero que os últimos dez foram essenciais para minha trajetória dentro da UFPR, na graduação e pós-graduação, vínculo que atribuo à criação do Curso de Expressão Gráfica (Degraf-2012), ao GPHIE e ao PPGE, espaços que possibilitaram ampliar as

minhas áreas de atuação e contribuíram com a minha realização profissional e pessoal. No mestrado e doutorado, oriento diversos temas, embora o foco inicial tenha sido a história do ensino de desenho e a história intelectual. Nas pesquisas recentes, tenho me dedicado ao estudo sobre as artes visuais a partir da categoria “afro-brasileira”, permitindo retomar questões em aberto da época em que conclui o mestrado em sociologia (UFPR-2002-2004), pelo prisma da história cultural. Igualmente, tenho me dedicado à história da educação da população negra, tendo como estudo de caso a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a partir da análise de fotografias e por meio de uma abordagem interseccional.”

Andréa Bezerra Cordeiro

Professora de história da educação na UFPR e no Programa de Pós-Graduação em Educação, também da UFPR, na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação. Doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná (2015), fez parte de seu doutoramento na Universidad de la República (Udelar), em Montevideu, Uruguai. Pós-doutorado na Universidade de Brasília (2024). Coordenadora do Projeto de Extensão Memórias e Histórias sobre Educação e do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação da UFPR. *E-mail:* andreacordeiroufpr@gmail.com

“Minha conexão com este grupo surge na trajetória de pesquisa de meu doutorado. Fui aluna do professor Carlos Eduardo e colega da professora Dulce Osinski na minha pós-graduação e senti afinidade não apenas teórica, mas com as formas de atuar e pensar que vivenciei na proximidade com eles. Artigo a história intelectual e a educação, especialmente a partir do estudo das mulheres intelectuais latino-americanas vinculadas ao feminismo e aos direitos das mulheres e das crianças; então, o diálogo com o grupo foi de grande importância para a minha formação e atuação profissional. Nestes dez anos aprendi junto ao GPHIE a flexibilidade ao lidar com fluxos de pesquisadores com múltiplos interesses, a rigorosidade na manutenção do estudo e dos encontros formativos, a criatividade e o profissionalismo nas ações e produções nas quais me envolvi, como encontros, publicações e ações coletivas. Não menos importante, fiz grandes amigas e bons amigos, vi iniciarem e finalizarem suas pesquisas inúmeras pessoas e reiterei a importância de nos mantermos juntos e juntas a produzir conhecimento.”



Crédito: Andréa Bezerra Cordeiro

Cristiane dos Santos Souza

Professora associada na UFPR, atuando no Setor de Artes, Comunicação e Design (Sacod), Departamento de Artes, no bacharelado em produção cultural. Doutora em educação (UFPR-2012). *E-mail:* cristianesouza@ufpr.br

“Meu processo de doutoramento foi impactado pelos debates qualitativos promovidos no GPHIE. A condução do grupo, ao longo destes vinte anos, esteve atenta à caminhada singular de seus integrantes, oportunizando aos pesquisadores e pesquisadoras um espaço de partilha acolhedor, estimulante e comprometido com investigações significativas para a área da educação, em especial para o cenário intelectual e historiográfico. As escolhas teóricas, bem como o debate qualificado, mobilizados em reuniões sistemáticas, contribuem para que nossa atuação na universidade seja propositiva, colaborativa e crítica, no processo formativo e político inerente à dinâmica universitária. Sou grata por estar entre pessoas que, em suas pesquisas, possibilitam a ampliação de nossas percepções e sensibilidades.

Meu interesse de pesquisa abrange relações entre política cultural, educação, corpos e *performance*. Ao estudar a trajetória do intelectual Francisco Macedo, em minha tese de doutorado, observei estreitas conexões entre redes de sociabilidade e o campo cultural. Constatou-se também a reduzida presença de mulheres no debate intelectual do período. A performatividade discursiva protagonizada por intelectuais, em paralelo ao silenciamento da presença feminina nos debates públicos, constitui um dos eixos de minha pesquisa atual, que busca investigar quais discursos sobre os corpos eram construídos e de que forma, explorando categorias como comportamento, gênero, estética e moral, no âmbito da educação e da cultura, no recorte temporal em que o Ministério da Cultura e da Educação compunham uma mesma pasta (1953-1985).”



Crédito: Titi Souza

Leziany Silveira Daniel

Professora associada na UFPR, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino (PPGETPEN), na linha de pesquisa Teorias e Práticas de Ensino na Educação Básica. Doutora em educação (UFPR-2009) e pós-doutora na Universidade Federal de Minas Gerais na Faculdade de Educação (UFMG-2018). *E-mail:* leziany.daniel@ufpr.br



Crédito: Leziany Silveira Daniel

“No ano de 2005 iniciei meu doutorado na UFPR. Naquele momento, optei por morar um ano em Curitiba, para poder aproveitar a universidade e a própria cidade. Em conversa com meu orientador, professor Carlos Eduardo, comentei sobre a minha participação em grupo de pesquisa, na UFSC. Era o GPEFESC (Grupo de Pesquisa Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina), constituído um pouco antes. Naquele momento, os grupos de pesquisa passaram a integrar o Diretório de Grupos de Pesquisa no CNPq, como elementos importantes para as pesquisas e para o fortalecimento dos programas de pós-graduação no país. Foi nesse contexto que, em 2006, foi criado o GPHIE. Participei de forma mais efetiva nesses anos iniciais, acompanhando, participando e secretariando o grupo. De forma emblemática, participar do GPHIE me proporcionou construir uma trajetória acadêmica mais sólida e, em especial, tecer relações de trabalho e de amizade verdadeiramente significativas. Desde a minha iniciação científica, passando pelo meu mestrado, ainda na UFSC, meus interesses de pesquisa sempre estiveram no interior

da história da educação. Vou percebendo, no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, o fortalecimento da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), assim como do próprio Grupo de Trabalho da Anped, História da Educação. Minhas pesquisas, assim, vão se construindo nesse interior e, quando venho realizar meu doutorado na UFPR, em 2005, e integro o GPHIE, em 2006, minhas pesquisas passam a ser gestadas e desenvolvidas nessa ambiência intelectual, que me permite compreender estudos no interior da história intelectual, da história dos intelectuais, entre outros. Como professora da UFPR, desde final de 2009, venho dando continuidade a esse escopo de pesquisa, podendo hoje ampliar para discussões no âmbito transnacional, em especial, na América Latina. Nesse sentido, hoje o GPHIE se faz também lugar estratégico, pois continua a colaborar na ampliação e aprofundamento das nossas temáticas de pesquisa, assim como torna-se lugar de fomento para o envolvimento de pesquisadores latino-americanos em estudos cooperativos internacionais.”

Ricardo Carneiro Antonio

Professor aposentado do curso de artes visuais da UFPR. Pesquisador da área de arte e educação com doutorado em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa História e Historiografia da Educação (UFPR-2008). Artista plástico com participações em exposições individuais e coletivas e autor de livros ilustrados. *E-mail:* ricardocarneiro.55@gmail.com/Instagram: @ricardocarneiro.art



Crédito: Dulce Osinski

“O GPHE foi e continua sendo determinante para o meu desenvolvimento como pesquisador no campo da história da educação, representando, após o meu doutoramento, um espaço para a continuidade de minhas pesquisas acadêmicas. As reuniões do grupo, que sempre foi aberto a novos integrantes, possibilitam o contato com diferentes abordagens, conceitos e autores, contribuindo assim para a ampliação dos limites das pesquisas dos participantes.

Como professor no curso de artes visuais da UFPR, sempre me interessei por estudar os métodos de ensino de artistas/professores e arte-educadores. Em minha dissertação, pesquisei os métodos de ensino do artista norueguês Alfredo Andersen que, nas primeiras décadas do século XX, abriu sua escola em Curitiba e formou vários artistas que se sobressaíram no panorama paranaense. Na pesquisa em questão, estudei a formação desta instituição e os métodos de ensino da escola, utilizando fontes fotográficas para investigar o espaço escolar e depoimentos orais para identificar frequentadores e con-

ceitos pedagógicos. Já em meu doutorado, pesquisei o projeto de Arte na Educação, que pretendeu formar professores para implantar escolinhas de arte nos grupos escolares paranaenses durante a década de 1960. Essas experiências de pesquisa me incentivaram a continuar meus estudos sobre a formação de professores de arte e o ensino da arte dirigido para a formação da criança.”

Roberlayne de Oliveira Borges Roballo

Professora associada na UFPR, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino (PPGETPEN), na linha de pesquisa Formação da Docência e Fundamentos da Prática Educativa. Doutora em educação (UFPR-2012) e pós-doutora na Universidade Estadual Paulista, na Faculdade de Ciências e Letras (Unesp-2025). Foi secretária de Educação de Curitiba (2013-2016) e coordenadora do Fórum Municipal de Educação (2013-2016). *E-mail:* roberlayneroballo@gmail.com

“Participar do GPHIE, desde 2006, tem marcado minha trajetória acadêmica, profissional e afetiva. Na partilha de conhecimentos, estudos e pesquisas com os amigos(as) pesquisadores(as), tenho aprendido sobre temas, conceitos e autores(as) que envolvem a história intelectual e a educação, contribuindo significativamente com minha formação desde o mestrado, atuação profissional e pesquisas. No convívio afetivo, plural e inclusivo, repleto de boas prosas, de bons abraços e sorrisos, com os(as) estudantes de graduação, mestrandos(as), doutorandos(as) e doutores(as), passamos a sentir-nos seguros e convictos das nossas escolhas de estudo e pesquisa. O GPHIE é espaço e tempo de formação e partilha!

Há vinte anos venho me dedicando à pesquisa sobre manuais escolares e coleções utilizados para subsidiar os cursos de formação de professoras no Brasil. Foi no mestrado (2006-2007) que aprendi sobre a importância dos manuais a partir de 1930, principalmente os de história da educação (HE) e de seus autores, como Afrânio Peixoto, Theobaldo Miranda Santos e Paul Monroe. No doutorado, em 2008, movida por romper fronteiras, apresentei um contingente maior de manuais nacionais e estrangeiros de HE, para ampliar minhas pesquisas. Nesta trajetória, a história intelectual, a história dos livros e da leitura sempre estiveram presentes em meus trabalhos, pois as editoras, os seus editores(as), os(as) autores(as), a produção e circulação de livros fazem parte das minhas análises sobre a materialidade e a textualidade desses artefatos. Atualmente, tenho ampliado minhas pesquisas para a América Latina, a fim de compreender a memória educacional existente na cultura de formação docente, que forja a representação da professora latino-americana.”



Crédito: Secretaria Municipal da Comunicação Social da Prefeitura de Curitiba

Rossano Silva

Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Design da UFSC. Doutor em educação e mestre em educação na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação pela UFPR. Especialista em ensino da arte pela Faculdade de Artes do Paraná e graduado em licenciatura em desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2001). Professor associado da UFPR no Departamento de Expressão Gráfica, no Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Tecnologias e Linguagens, membro do Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação e do Grupo de Estudos de Currículo. *E-mail:* rossano.silva@ufpr.br

“Iniciei no GPHIE em 2007, quando ingressei no PPGE-UFPR, como orientando do professor Carlos Eduardo Vieira. Nesse período de quase vinte anos, acompanhei o grupo participando dos encontros nos quais debatemos autores das ciências sociais, teorias historiográficas e educacionais; a participação nesses momentos foi fundamental para a minha formação como pesquisador em história da educação. Para além da atividade acadêmica no grupo, construí amizades que ainda perduram. Hoje, como professor da UFPR e colega de meus professores da pós-graduação, o grupo continua sendo um espaço de aprimoramento e discussões sobre o campo, incorporando, agora, como colegas de grupo, meus orientandos, que dão continuidade à história do GPHIE.

Iniciei meu percurso na história da educação no curso de especialização, realizado na Faculdade de Artes do Paraná, atualmente Unespar. Em minha monografia, desenvolvi uma pesquisa associada à história do ensino de arte, investigando

um curso de formação de professores normalistas, denominado Curso de Artes Plásticas na Educação. Naquele momento, ainda ensaiava a articulação com as fontes e com os princípios da pesquisa historiográfica. Posteriormente, ao ingressar no mestrado, por sugestão do professor Carlos Eduardo Vieira, alterei a minha intenção de pesquisa, ingressando na história intelectual, ao investigar a trajetória do educador paranaense Erasmo Pilotto e como suas concepções pedagógicas articulavam arte, cultura e educação. Ao iniciar o doutorado e minha carreira na UFPR, dei continuidade a essa investigação. A temática em história intelectual e história do ensino de arte continuou me acompanhando ao ingressar como professor do PPGE, com orientações que seguem esses dois tópicos.”



Crédito: Rozéli Gerigk

Sergio Roberto Chaves Junior

Professor associado do Departamento de Teoria e Prática de Ensino (DTPEN), do Setor de Educação da UFPR, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, desde 2020. Licenciado em educação física (UFPR-2000), mestrado em educação (UFPR-2004) e doutorado em educação (UFMG-2017). *E-mail:* sergiojunior79@ufpr.br

“Eu ingressei como docente efetivo na UFPR em fevereiro de 2010. Ao completar o estágio probatório, tive afastamento para a realização do doutorado na UFMG, iniciado em 2013 e finalizado em 2017. Após a defesa, retornei às atividades na UFPR, quando recebi afetuosa-mente o convite do professor Carlos Vieira para ingressar no GPHIE, o que ocorreu em meados daquele mesmo ano. Na oportunidade, como *debut*, apresentei ao grupo uma síntese de minha tese pouco antes defendida. Foi um momento marcante, pois ali estavam reunidos pesquisadores e pesquisadoras de diferentes gerações, muitos dos quais já compunham meu círculo de amizades, mas que passaram a demarcar em minha trajetória um significativo e potente lugar de estudos, leituras, encontros, debates e, não menos importante, de afetos.

Tenho me debruçado nos últimos anos em duas principais frentes de pesquisa: a história do ensino secundário e a história da educação física.

Da primeira, tenho pesquisado as inovações pedagógicas, os processos de expansão do nível de ensino e as frações de classes que frequentaram o secundário entre as décadas de 1950 e 1970. Destaco também, sobre a história da educação física, as articulações possíveis com as trajetórias de dois personagens centrais em meus investimentos investigativos: Germano Bayer e Yacy Pinto de Moura. Educadores (físicos) paranaenses com destacadas atuações profissionais, entre outras instituições, no Colégio Estadual do Paraná e no Instituto de Educação do Paraná, respectivamente. Germano e Yacy foram protagonistas de diversas inovações educacionais entre as décadas de 1950 e 1970, ainda pouco exploradas na história da educação e que têm mobilizado a realização de pesquisas no âmbito da graduação, iniciação científica e no PPGE.”



Crédito: Kathleen Colais

Em relação à memória pessoal, como se deu o seu primeiro encontro e interesse com a história intelectual e dos intelectuais?

Carlos Eduardo Vieira — Creio que o ponto de partida foi o meu mestrado na PUC-SP, no início dos anos de 1990, no qual investiguei a apropriação das ideias do pensador italiano Antonio Gramsci no Brasil. Lembremos que uma das questões com maior presença nos escritos carcerários produzidos por Gramsci era a função histórica e social dos intelectuais, de modo que a centralidade do problema dos intelectuais se apresentou para mim, em grande medida, pelo contato com a obra desse pensador. O conceito de apropriação mobilizado nesse estudo implicou, necessariamente, o entendimento de um contexto de leitura, ou seja, de uma forma particular de interpretação do pensamento gramsciano em contextos temporais e espaciais diversos da sua produção original. Dessa forma, me dediquei a entender como, no Brasil, entre os anos finais da década de 1960 e ao longo das décadas de 1970 e 1980, as ideias de Gramsci foram mobilizadas para pensar a sociedade brasileira, especialmente a conjuntura política e as questões relacionadas à cultura e à educação. Esse foi o meu batismo nas lides da história intelectual, rompendo com um modo filosófico



*Carlos Eduardo Vieira e Dulce Regina Baggio Osinski na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, set. 2025
Crédito: Ricardo Carneiro*

a-histórico de interpretação de textos. No meu doutorado, já definida a minha identidade como historiador do campo intelectual, segui investigando Gramsci, especialmente os conceitos de historicismo, cultura e formação humana. Nesse período entrei em contato com o contextualismo linguístico, metodologia de interpretação de fontes históricas desenvolvida na Universidade de Cambridge pelos historiadores Quentin Skinner e John Pocock. Esse contato inicial com o contextualismo linguístico em meados dos anos de 1990 me levou, anos mais tarde, mais precisamente em 2008, à Universidade de Cambridge, ao grupo de história intelectual coordenado por Skinner. Desse ponto em diante, as questões dos intelectuais e das linguagens praticadas por essa elite se colocaram no centro das minhas atenções, proporcionando esse projeto de vida acadêmica na interseção entre a história intelectual, dos intelectuais e da educação.

E a ideia de formar o grupo, o que motivou a sua constituição? Neste sentido, também fale sobre os temas que primeiro tiveram destaque por parte do GPHIE.

Carlos Eduardo Vieira — Como mencionei, a minha formação em nível de pós-graduação (mestrado e doutorado) ocorreu na década de 1990, na PUC-SP. Na época, a PUC-SP era uma das grandes referências nacionais na formação de pesquisadores, de modo que tive a oportunidade de acompanhar aulas, seminários e simpósios ofertados por professores consagrados, tais como Paulo Freire, Florestan Fernandes, José Paulo Neto, Leandro Konder, Arthur Gianotti, Octávio Ianni, Peter Burke, François Dosse, Mirian Jorge Warde, entre outros tão célebres. Contudo, apesar desse momento qualificante, a forma como se fazia pesquisa naquela época não incluía a participação em grupos de estudos e muito menos de pesquisa. Cada mestrando ou doutorando seguia seu rumo, em contato, com maior ou menor frequência, com o seu orientador ou orientadora. No meu caso, tive a oportunidade ímpar de ser orientado pela professora Mirian Warde, tanto no mestrado como no doutorado. Não obstante, a pesquisa que desenvolvi não tinha uma conexão direta com a produção da minha orientadora, ou seja, as coisas eram muito individualizadas, fragmentadas, sem um objetivo compartilhado e, sobretudo, sem a pretensão de produzir conhecimento cumulativo em relação a um determinado tema ou período histórico. Em 1998, concluído o doutorado, iniciei a minha carreira como professor na pós-graduação. De forma muito peculiar, pois hoje isso seria impossível, ingressei na pós-graduação fundando uma nova linha de pesquisa no programa, intitulada História e Historiografia da Educação, junto com o professor Marcus Levy e a professora Serlei Ranzi. Neste novo espaço de produção de conhecimento e de formação de novos pesquisadores, fiquei responsável pelo tema da história dos intelectuais associados ao campo

educacional no Brasil. Dessa forma, elaborei um projeto abrangente, tendo como recorte temporal o final do século XIX e a primeira metade do século XX, privilegiando os intelectuais que atuaram no Paraná. Comecei a orientar, inicialmente, mestrandos, com a preocupação de construir um mapa do campo intelectual no Paraná que, considerando a historiografia produzida ante-



*Carlos Eduardo Vieira e Dulce Regina Baggio Osinski na reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, set. 2025
Crédito: Ricardo Carneiro*

riormente, era muito impreciso e repleto de grandes lacunas. Os orientandos investigavam trajetórias individuais, inicialmente associadas aos intelectuais católicos e aos grupos anticlericais, e a minha função, além de estudar determinados atores que me interessavam, era produzir o mapa geral, a síntese que articulava uma compreensão ampla dos campos intelectual e educacional. Novos atores foram sendo incluídos nesse projeto, com destaques para os artistas, tendo como pioneira nesse processo a professora Dulce Osinski, que fez o seu doutorado sob minha orientação, investigando a trajetória do Guido Viaro. Bem, nesse período, alguns alunos me perguntavam se eu não organizaria um grupo de pesquisa, prática que lentamente se iniciava no contexto da pós-graduação no Brasil. Em um primeiro momento fiquei um pouco reticente, pois, como mencionei, não experimentei essa experiência como aluno

de pós-graduação e, assim, não tinha clareza de como um grupo de pesquisa funcionaria. Em 2006, em conjunto com meus alunos e alunas de mestrado e de doutorado, amadurecemos a convicção de criar o Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação (GPHIE).

A formação do grupo, da forma como eu pensava nas origens do GPHIE, permitiria potencializar o meu trabalho de orientação, especialmente nas questões teóricas envolvidas na escrita da história intelectual e dos intelectuais, já que poderia conversar coletivamente com meus orientandos que, apesar de estudarem personagens e contextos diferentes, tinham em comum a base teórica que problematizava a emergência e a permanência da interferência dos intelectuais na esfera pública. Outro motivo para a decisão de formar o grupo de pesquisa foi a percepção, paulatinamente construída, de que a compreensão abrangente do funcionamento do campo intelectual não poderia mais ficar restrita ao trabalho de síntese do professor-orientador, pois aqueles que estudavam intelectuais católicos, por exemplo, precisavam ter boas noções sobre os anticlericais e seus desafetos históricos. Essa mesma lógica valia para aqueles que estudavam os laicistas e anticlericais ou os artistas. Essa compreensão do conjunto, da lógica subjacente ao campo, só poderia ocorrer se meus orientandos tivessem relações diretas entre eles, sem necessariamente exigir a minha mediação. Outra razão para a formação do GPHIE foi a experiência, ou melhor, a queixa, relatada por muitos alunos, de que ao concluir os créditos associados às disciplinas no mestrado e no doutorado a pesquisa se tornava mui-



Carlos Eduardo Vieira e Dulce Regina Baggio Osinski na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, set. 2025
Crédito: Ricardo Carneiro



*Dulce Osinski com seu orientador, Carlos Eduardo Vieira,
na defesa de sua tese de Doutorado no PPGE-UFPR
Curitiba, PR, dez. 2006
Crédito: Ricardo Carneiro*

to solitária, envolvendo a leitura das fontes, o manejo da teoria e a construção de gestos de interpretação, sem interlocutores. Os encontros de orientação e as bancas de qualificação e defesa não supriam essa necessidade de diálogo. Fal-tava, segundo esses relatos, interação com outros pesquisadores que estivessem vivendo situações semelhantes para compartilharem dilemas, angústias e ex-periências. Obviamente estou aqui racionalizando esse percurso entre a minha vinculação à pós-graduação e a formação do GPHIE em 2006. Esse processo não foi tranquilo e isento de contradições, desvios, mudanças de ideia, enfim, foi um caminho sinuoso, envolvendo muitas personalidades e formas de pen-sar diversas, mas que, com idas e vindas, consensos e dissensos, culminou na criação do grupo. Desde o início pensamos em quatro eixos articuladores para as reuniões: 1) troca de experiências e informações sobre fontes, livros, congres-sos etc.; 2) estudo de temas comuns a todos os membros do grupo; 3) compar-tilhamento de resultados parciais e conclusivos das pesquisas levadas a cabo pelos *gphianos e gphianas*; 4) projetos editoriais que permitissem a publicação das pesquisas concluídas para um público mais amplo. O tema em comum re-caiu inicialmente sobre teoria, de maneira que estudamos juntos, nos primei-ros tempos do grupo, as obras de Gramsci (2006-2007), Skinner (2008-2009) e Bourdieu (2010). Esses estudos eram exaustivos e sistemáticos, pois não tínha-mos pressa, nem prazo para cumprir. Nesses primeiros anos entremeamos à

teoria da história estudos sobre historiografia, compondo os dois pilares fundamentais e permanentes de formação dos historiadores. Nos anos seguintes vieram Elias e Koselleck. Nosso olhar para a teoria sempre foi aplicado e pragmático, ou seja, sem apego demasiado ao plano abstrato das construções teóricas, de modo a preconizar os usos possíveis dessas teorias e conceitos para a produção de explicações históricas. Costumo dizer que, em termos teóricos, somos heréticos, pois não divinizamos e não nos fidelizamos a nenhuma teoria social ou científica. O lema desse coletivo é dialogar com distintas proposições teóricas para resolver os dilemas apresentados pela especificidade dos problemas e das fontes históricas mobilizadas pelas pesquisas.

Para concluir esta resposta é preciso dizer que a primeira geração do grupo foi constituída por mim e pelos meus alunos, mas, felizmente, crescemos e temos hoje um grupo grande de professores e professoras *gphianos* e *gphianas* credenciados ao programa de pós-graduação, que agregaram ao grupo os seus orientandos. Este movimento de renovação geracional, produziu e produz efeitos de descentralização e de pluralização, fundamentais para a continuidade e o revigoramento constante do GPHIE.

A professora foi orientada pelo professor Carlos Eduardo Vieira na pós-graduação. Comente sobre o início dessa relação de acolhimento e parceria, também acerca do companheirismo que vai além das tarefas divididas na coordenação do GPHIE. Você acha que é essa cumplicidade que garante a longevidade do grupo?

Dulce Regina Baggio Osinski — Nosso primeiro encontro se deu em 2003, por ocasião de meu ingresso no doutorado, na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, quando fui acolhida pela orientação de meu hoje colega e amigo. Minha intenção inicial de pesquisar os personagens envolvidos no contexto da fundação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná fez com que ele se interessasse pelo meu projeto e visse potencial no diálogo com a história intelectual e dos intelectuais. A partir das conversas de orientação, já no curso do processo, acabei focando em um dos fundadores da instituição, o artista e educador Guido Viaro. Então passei a ter contato com a literatura referente aos intelectuais, a qual contemplou no primeiro momento os estudos de Gramsci, evoluindo para outros autores e linhas de pensamento. A criação do GPHIE em 2006, quando eu ainda era doutoranda, fez com que eu e meus colegas que então estavam no mesmo processo de formação nos engajássemos com entusiasmo nessa empreitada que dura até hoje. Iniciamos com um grupo muito pequeno, formado fundamentalmente pelos orientandos do professor Carlos Eduardo. Meu ingresso no PPGE como docente em 2008 contribuiu para solidificar uma parceria que, transcendendo a dimensão profissional, transfor-

mou-se em amizade. Certamente essa relação entre nós contribui para a longevidade do grupo, mas não seria suficiente se não contássemos com a preciosa colaboração dos demais professores da linha de pesquisa que hoje integram o grupo, entre eles Adriana Vaz, Andréa Cordeiro, Leziany Daniel, Roberlayne Roballo, Rossano Silva e Sergio Chaves Junior. Também é preciso ressaltar a participação efetiva de doutores da UFPR e de outras instituições, além dos doutorandos, mestrandos e estudantes de iniciação científica, os quais conferem entusiasmo e dinamismo ao grupo, motivando-nos a seguir em frente. Essa convivência entre pesquisadores em estágios diferentes de formação tem sido muito proveitosa, elevando o nível das discussões e incentivando os iniciantes no prosseguimento de sua trajetória acadêmica.

Em um momento da trajetória do GPHIE, foram realizadas trocas com outras instituições e grupos de pesquisa. Fale um pouco sobre como funcionou este intercâmbio e quais foram as suas contribuições para a história intelectual e dos intelectuais.

Dulce Regina Baggio Osinski — As trocas realizadas com outras instituições e grupos de pesquisa foram muitas ao longo desses vinte anos. Algumas delas foram feitas por meio de iniciativas individuais, especialmente no que se refere aos estágios de pós-doutorado feitos por professores envolvidos no grupo. Foi o caso dos realizados por Carlos Eduardo Vieira na Universidade



*Carlos Eduardo Vieira e Dulce Regina Baggio Osinski na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, set. 2025
Crédito: Ricardo Carneiro*

de Cambridge, na Inglaterra (2008-2009), na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos (2015-2016) e na Universidade Nacional de Quilmes, na Argentina (2022); por mim na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2015); por Adriana Vaz na Universidade Federal de Minas Gerais (2017-2018) e na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2025); por Leziany Daniel na Universidade Federal de Minas Gerais (2017-2018); por Rossano Silva na Universidade Federal de Santa Catarina (2024-2025); por Andréa Bezerra Cordeiro na Universidade de Brasília (2024-2025); e por Roberlayne Roballo na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2024).

Da mesma forma, recebemos com frequência professores vinculados a outras instituições para aqui realizarem seus estágios de pós-doutorado, como foram os casos de Elianda Tiballi (PUC-GO), Carla Chamon (Cefet-MG) e Ingrid Dittrich Wiggers (UnB).

Outra forma de interação com outras instituições é a sistemática participação dos membros do GPHIE com apresentação de suas pesquisas em eventos científicos nacionais e internacionais, como o Congresso Brasileiro de História da Educação; a Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação; o Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação; o Congresso Ibero-Americano de História da Educação e o ISCHE — Conferência Internacional Permanente para a História da Educação.

Tivemos também trocas específicas entre grupos de pesquisa. O movimento denominado Intergrupos foi iniciativa dos professores-pesquisadores Carlos Eduardo Vieira (UFPR), Marcus Levy (UFPR), Marcus Taborda (UFPR), Diana Gonçalves Vidal (USP), José Gondra (UERJ), Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG), Vera Valdemarin (Unesp) e Rosa Fátima de Souza Chaloba (Unesp), que integraram mestrandos, doutorandos e professores das referidas instituições em quatro eventos anuais realizados ao longo dos anos 2000.

O GPHIE já realizou várias publicações, discorra um pouco sobre o processo de produção e acerca da importância desse material para a pesquisa em história intelectual e dos intelectuais.

Dulce Regina Baggio Osinski — A política de incentivo às publicações fez parte das prioridades do GPHIE desde a sua fundação. Isso se deu especialmente em três frentes, no que se refere às iniciativas individuais: apresentação de textos completos de seus integrantes em eventos científicos, publicação de artigos em revistas científicas e em capítulos de livros.

Além disso, o investimento em projetos de publicações coletivas acompanhou a trajetória do grupo. Já em 2007, um ano após sua criação, foi publicado o livro intitulado *Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)*, organizado pelo membro-fundador Carlos Eduardo Vieira, que reuniu

textos de egressos da linha de pesquisa e de alguns de seus orientandos. Em 2015, o livro *História intelectual e educação* deu início à série de mesmo nome, que já conta com cinco edições, abordando temas específicos, explorados por seus membros e em discussão nas reuniões. Ainda de caráter mais interno, essa primeira iniciativa contou com organização de Carlos Eduardo Vieira, Dulce Osinski e Bernadete Strang, com textos de diversos membros do grupo, e abordou a temática *Trajetórias, impressos e eventos*. A realização desta obra foi resultado de uma experiência bastante interessante e coletiva, pois os textos foram submetidos à leitura de colegas durante seminários realizados nas reuniões mensais, além de passarem pela avaliação crítica dos organizadores.

Seguindo essa metodologia, na sequência iniciamos a publicação de três obras simultaneamente, e desta vez decidimos pelo diálogo com outros centros de pesquisa, eu e o professor Carlos Eduardo compartilhamos a organização com pesquisadores como José Gondra (UERJ), Bruno Bontempi Junior (USP) e Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (UFMG) que, respectivamente, integraram a elaboração dos livros com as temáticas *Reformas educacionais, estado e sociedade civil*, *Imprensa e esfera pública* e *Artes, artistas e projetos estéticos*. Isso possibilitou uma interação efetiva com outros programas de pós-graduação e grupos de pesquisa do país, contribuindo para um leque mais diversificado dos autores, das temáticas e das abordagens adotadas.

Nossa última iniciativa nesse sentido foi o livro *História intelectual e educação: linguagens e conceitos*, publicado em 2024 e organizado por Letícia Meira e pelos coordenadores do grupo (eu e Carlos Eduardo). Nele, elegemos as abordagens do contextualismo linguístico e da história dos conceitos, que têm sido objeto de reflexão por parte do grupo ao lon-



Carlos Eduardo Vieira e Dulce Regina Baggio Osinski
no lançamento dos livros organizados pelo GPHIE no II
Encontro Paranaense de História da Educação
Curitiba, PR, nov. 2023
Crédito: Ricardo Carneiro

go dos últimos anos, envolvendo autores como Koselleck, Skinner e Pocock. Desta vez, além dos pesquisadores vinculados ao GPHIE, foram agregados ao projeto autores de diferentes instituições nacionais e internacionais.

Numa espécie de balanço sobre a trajetória do GPHIE nestes vinte anos de existência, quais as principais contribuições que você poderia destacar?

Carlos Eduardo Vieira — É difícil fazer um balanço de tudo que vivemos neste período de vinte anos. Nesse sentido, iniciaria o meu raciocínio por uma reflexão mais abrangente que, do meu ponto de vista, articula isso que poderíamos chamar de contribuições do GPHIE. Começemos por destacar dois lugares-comuns muito difundidos no Brasil e em boa parte do mundo: o investimento em educação é o único caminho para o desenvolvimento nacional e o bem-estar do povo; a educação brasileira, apesar da retórica sobre a sua centralidade, não consegue avançar e cumprir com os seus objetivos de produzir uma escola pública universal e de qualidade. Percebe-se aqui uma clara contradição entre dois raciocínios amplamente compartilhados pelo senso comum, de modo que os historiadores da educação precisam se engajar na solução desse paradoxo: todos os agentes sociais, das elites aos grupos sociais subalternos, defendem a educação do povo, contudo ela permanece inalterada nos seus padrões de amplitude e qualidade. A explicação desse enigma, descrito aqui de forma simplificada, envolve investigações que estão inscritas na interseção entre duas grandes áreas do conhecimento: a história e a educação. Nesse sentido, podemos afirmar que o GPHIE se encontra situado academicamente na fronteira dessas duas grandes áreas do conhecimento, tendo como propósito principal entender historicamente as linguagens manipuladas e o comportamento público dos intelectuais associados ao campo educacional. O avanço nesse tipo de problematização nos permitiu a formulação de hipóteses, que se transformaram em teses, sobre as relações de força e de poder que atravessam os campos educacional e intelectual e, sobretudo, como estes espaços de produção de sentidos associados às ideias e às ações educativas impacta o Estado e a sociedade. Dessa forma, cabe aos historiadores, aos educadores, entre outros pesquisadores e agentes sociais, desmistificar esses mitos produzidos e disseminados pelo senso comum. Sendo assim, por um lado, a historiografia mostra que nem todos os agentes sociais se empenharam efetivamente em prol da educação do povo e, por outro, revela que a escola pública brasileira, apesar das enormes resistências que existem em relação à sua universalização e qualificação, tem se desenvolvido e consta como uma das instituições mais importantes para a autonomização intelectual, profissional e política das classes subalternizadas. Assim, depois dessa digressão, considero que a grande contribuição do GPHIE está em interpretar

e explicar, para públicos diversos, como o tema da formação ganha evidência no debate público no Brasil, a partir de lugares e estratégias específicas, mobilizando forças antagônicas que disputam a condução desse processo. O caminho para a expansão, democratização e qualificação da escola pública é longo, árduo e precisa contar com pesquisas, tais como as produzidas pelos *gphianos* e *gphianas*, que elucidem as lógicas subjacentes a esses processos. Desse modo, compartilho a crença de que, sem uma interpretação consistente desses mecanismos de reprodução social, inscritos nos processos de formação em sentido amplo e da escolarização em sentido estrito, não surgirão linhas de ações práticas e eficientes, capazes de transformar de fato a realidade.

Uma segunda linha de raciocínio, ancorada nessa ideia das contribui-



Carlos Eduardo Vieira e Dulce Regina Baggio Osinski na
reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, set. 2025
Crédito: Ricardo Carneiro

ções, poderia recair sobre aspectos mais práticos e objetivos. Dessa forma, diria, inicialmente, que a criação do grupo supriu, para os pesquisadores e pesquisadoras que compõem o grupo, a ausência de um lugar de interlocução qualificada e regular sobre os temas da história intelectual, dos intelectuais e da educação. Esse espaço de convivência representou e representa um momento de afeto e de aprendizagem, no qual investigadores experientes convivem com seus pares, com alunos de iniciação científica, mestrandos e

doutorandos. Todos, sem exceção, ganham com essa troca. Em termos propriamente de contribuições para a sociedade, basta olharmos a quantidade de pessoas que foram formadas em seus ciclos na pós-graduação nestes vinte anos. Esse processo envolveu o contato com o programa de pós-graduação, a linha de pesquisa, as disciplinas cursadas, os professores da pós-graduação, as bancas de qualificação e defesa e, também, os encontros do GPHIE. A grande maioria dos membros do GPHIE é formada por professores da rede pública em diferentes níveis, do ensino fundamental ao superior; muitos são técnicos associados a profissões típicas do campo intelectual, envolvendo instituições educativas, editoras, museus, bibliotecas, de modo que a formação recebida retorna para a sociedade na forma de profissionais altamente qualificados. Outra dimensão evidente da contribuição do grupo, embora difícil de mensurar, é a participação desse coletivo na produção do conhecimento histórico. Como mencionei anteriormente, quando começamos essa empreitada, o conhecimento acumulado sobre as linguagens e os intelectuais associados ao campo educacional estava representado em algumas telas de estilo impressionista, sem contornos bem definidos. Nesse sentido, temos, depois de vinte anos de trabalho ininterrupto, uma grande sala de exposição, com inúmeras obras de arte, a partir de diferentes estilos e linguagens. Construimos coletivamente um mapa do campo intelectual e educacional em uma escala muito mais precisa e detalhada que aquele que encontramos na historiografia quando iniciamos a jornada. Há muito por fazer ainda, mas quem ingressa hoje por esse campo de pesquisa tem balizas sólidas para se localizar no tempo e no espaço histórico, no que tange à atuação dos intelectuais envolvidos com projetos e práticas educativas. Essa contribuição está materializada na produção bibliográfica de todos os membros do grupo, incluindo as cinco obras coletivas publicadas, articuladas pela propedêutica da história intelectual e educação. Essas produções individuais e coletivas são citadas e referenciadas em estudos no Brasil e no exterior, demonstrando a importância do GPHIE para o debate nacional e internacional.

Todo campo de pesquisa possui tensões e disputas, ainda que momentâneas. Neste sentido, destaque algumas das dificuldades enfrentadas pelo GPHIE.

Carlos Eduardo Vieira — Produzir ciência não é uma tarefa fácil em nenhum lugar do mundo. Os financiamentos são escassos e nem sempre obtemos reconhecimento. No caso das ciências humanas esses gargalos são ainda mais estreitos. Pensando do ponto de vista da instituição, considerando tanto o contexto da UFPR como o do PPGE, temos que dizer em alto e bom som que sempre fomos apoiados. Os principais problemas que encontramos, primeiramente, se referem ao financiamento das pesquisas em tempos

de pós-graduação, uma vez que as bolsas são muito poucas e, atualmente, a maioria dos alunos precisa realizar seus programas de formação trabalhando, sem dedicação exclusiva à pesquisa. Essa condição tem um impacto enorme na produção das teses e das dissertações. Em relação aos pesquisadores já formados, é notória a falta de um programa amplo de apoio, nos moldes do que o CNPq oferece com as Bolsas de Produtividade em Pesquisa. Esse é um ótimo programa, mas a oferta de bolsas é irrisória, fazendo com que pesquisadores qualificados e produtivos permaneçam tentando entrar no sistema por anos, sem nenhum sucesso. No plano estadual, falta à Fundação Araucária um programa de apoio a pesquisadores, para suprir os limites do CNPq, como aqueles que existem na Fapemig, na Fapesp ou na Faperj. Outro grande problema é o financiamento das publicações. De tempos em tempos, surge um edital nessa direção, mas são raros. No que tange às disputas internas do campo acadêmico, elas ocorrem, mas não produzem empecilhos significativos para que um grupo se forme e se desenvolva. Todos lutam por reconhecimento, prestígio, mas há muito espaço para os grupos de pesquisa. Nem sempre os temas, os objetos e/ou as metodologias mobilizadas pelos grupos são populares ou atrativos para as agências de financiamento, mídia em geral e/ou campo editorial. Nesse sentido, se tivermos convicção sobre o que estamos produzindo como conhecimento e acreditarmos nas contribuições que oferecemos à ciência e à sociedade, devemos seguir trabalhando, mesmo que à margem dos grandes palcos e sem os reconhecimentos financeiros ou simbólicos.

Os membros do GPHIE encontram-se regularmente para discutir pautas e temas. Como se dá o *modus operandi* desses encontros?

Dulce Regina Baggio Osinski — Nossos encontros acontecem mensalmente, sempre na última quarta-feira de cada mês, no período da tarde. Brincamos que esse é um compromisso sagrado, e que o ingresso no grupo envolve um compromisso vitalício, não sendo possível o desligamento de quem nele ingressa. Brincadeiras à parte, todos buscamos encarar esse compromisso como prioridade e já nos programamos, na medida do possível, para que as datas dos encontros estejam liberadas ao longo do ano, para podermos deles participar de forma plena.

De forma geral, nossas seções são divididas em três momentos. No primeiro, referente às comunicações, compartilhamos informações de interesse do grupo e discutimos questões relevantes ao seu bom andamento. O segundo momento é dedicado a leituras previamente estabelecidas, as quais são apresentadas por membros designados e debatidas no coletivo. Essas ocasiões servem para que aprofundemos nossa compreensão sobre teorias e metodologias, além do esclarecimento de dúvidas e da exposição de ideias e reflexões



sobre os temas tratados. O terceiro momento é o de compartilhamento das pesquisas realizadas pelo grupo, seja em andamento ou já concluídas, o qual tem sido bastante produtivo, tanto no sentido da colaboração no processo de elaboração das dissertações e teses, mas também na socialização crítica do conhecimento produzido.

Não obstante, temos também reuniões com programações especiais que incluem a presença de pesquisadores convidados de outras instituições, os quais sempre nos brindam com novas perspectivas e trazem questões originais e pertinentes para o debate.

Como você avaliaria o lugar e a importância do GPHIE para o campo da história da educação no Brasil?

Dulce Regina Baggio Osinski — Ao longo desses vinte anos o GPHIE tem se firmado como referência nos campos da história intelectual e da história dos intelectuais. Isso se deve em muito aos esforços de um de seus coordenadores, Carlos Eduardo Vieira, que se dedica a essa temática e incentiva seus orientandos e os demais membros do grupo a seguirem esse caminho. Sua atuação como presidente da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), entre os anos de 2015 e 2019, foi um dos fatores que contribuíram para dar maior visibilidade ao grupo. A organização de mesas-redondas temáticas em eventos científicos relevantes para o campo da história da educação,

colocando em evidência pesquisas relacionadas aos intelectuais, é outra estratégia que tem sido adotada por seus membros, fomentando a interlocução entre a produção do GPHIE e as de outros centros de pesquisa.

Também nas interfaces da história intelectual com a arte em contextos educacionais, há uma significativa produção realizada por Dulce Osinski, Rossano Silva, Adriana Vaz e seus orientandos, a qual tem se firmado como referência para se pensar os problemas relacionados à educação artística.

Por outro lado, cruzamentos temáticos têm feito com que problemas relacionados a gênero e raça tenham merecido atenção em dissertações, teses e artigos científicos, abrindo novas frentes de diálogo. O amplo espectro de atuação dos intelectuais investigados tem feito com que as pesquisas abrigadas no âmbito do grupo venham sendo ancoradas em fontes diversas, as quais incluem não só seus escritos de caráter mais reflexivo, mas também manifestações em conferências e encontros científicos dos quais participaram, registros autobiográficos, a imprensa, a iconografia e documentos institucionais, entre tantos outros.

Hoje é possível afirmar que o GPHIE goza de reconhecimento nacional, o que só é possível mediante o trabalho coletivo contínuo e o envolvimento de cada um de seus membros nessa construção. Nossa grande satisfação é ver a alta frequência às nossas reuniões periódicas e o entusiasmo de cada *gphiano* e *gphiana* no caminho a ser trilhado em suas investigações sobre os intelectuais. E como dizemos em nosso lema brincalhão, mas sério: que continuemos sempre juntos, rumo ao centenário!

Comente sobre as perspectivas e os horizontes da pesquisa em história dos intelectuais, no que diz respeito ao contexto atual. Qual o papel do GPHIE neste cenário?

Carlos Eduardo Vieira — Um fenômeno muito interessante de se destacar é um processo cíclico que, de tempos em tempos, anuncia o fim, a derrota ou despedida dos intelectuais. Muita literatura tem circulado com esse vaticínio. Não obstante, o que tenho percebido é um grande incremento na produção acadêmica em relação ao tema, considerando especialmente as áreas da história, da educação e das ciências sociais. Linhas de pesquisa, grupos de pesquisa, disciplinas em nível de pós-graduação e, sobretudo, publicações de livros e de artigos estão em alta. Creio que o campo de estudo, nessa interseção entre história intelectual e dos intelectuais, está em ascensão e, sobretudo, vivendo um processo intenso de renovação metodológica e temática. O tipo de história dos intelectuais, baseada no culto de um cânone de grandes intelectuais e de obras consideradas clássicas, vem perdendo apelo, em favor de uma história dos intelectuais renovada pelo diálogo com a história intelectual, social, cultural e dos conceitos. O próprio con-

ceito de intelectual sofreu ampliações e ressignificações significativas, de modo que acepções mais amplas, que incluem pensadores à margem do cânone, divulgadores e mediadores culturais incrementaram em muito as pesquisas. A emergência na história dos intelectuais das mulheres, dos negros e negras, dos povos originários, dos pobres e subalternos, rompeu com a naturalização da representação do campo intelectual formado por homens brancos, europeus, oriundos de classes sociais médias ou abastadas. Essa renovação temática e metodológica tem produzido efeitos muito positivos e favorecido um processo de abertura do campo para novos *designs*. No que tange ao lugar do GPHIE nessa renovação, podemos demarcar, sem nenhuma dúvida, o pioneirismo do grupo na produção de conhecimento que articula história intelectual, dos intelectuais, das mulheres, dos afrodescendentes, da arte e da educação. Nesse sentido, as pesquisas produzidas pelo grupo romperam completamente com a tradição hagiográfica, masculina e eurocêntrica. Especial destaque para a centralidade que a linguagem assumiu nas problematizações das pesquisas levadas à frente pelos investigadores do grupo, considerando conceitos normativos, jogos de linguagem e retóricas que caracterizaram os modos de falar de mulheres e homens categorizados como intelectuais nas pesquisas em curso. Essas interlocuções, especialmente com o contextualismo linguístico e com a história dos conceitos, são, sem nenhuma dúvida,

marcas distintivas da produção do grupo em relação ao cenário nacional e internacional da história da educação. Um grande desafio para o grupo é manter a sua presença no cenário nacional, seguindo os principais congressos e encontros das áreas de história e de história da educação. Para além do âmbito nacional, cabe a intensificação do processo de internacionalização da produção, buscando a associação com grupos de pesquisa congêneres na perspectiva de projetos transnacionais.



Materiais do professor Carlos Eduardo Vieira
Reunião do GPHIE de 27 ago. 2025
Crédito: Carlos Eduardo Vieira

PUBLICAÇÕES



Carlos Eduardo Vieira
(Org.)

**INTELECTUAIS, EDUCAÇÃO
E MODERNIDADE NO PARANÁ
(1886-1964)**

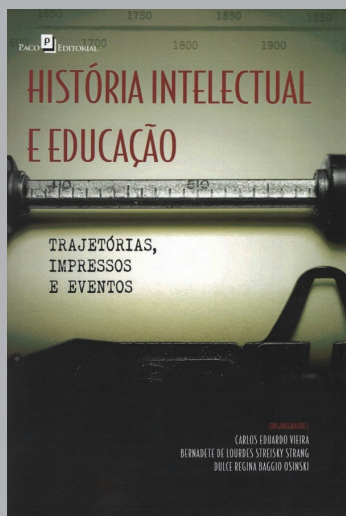


Editora

VIEIRA, Carlos Eduardo (org.).
*Intelectuais, educação e modernidade no Paraná
(1886-1964)*.
Curitiba: Editora UFPR, 2007. 292 p.

Envolvendo pesquisadores em diferentes níveis de formação da iniciação científica ao doutorado reunidos na sua maioria em torno do GPHIE, da UFPR, *Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)* tem como eixo articulador a prática social dos intelectuais nos processos de produção e de recepção do discurso sobre a relação entre educação e modernidade. Neste sentido, a obra demonstra as continuidades e descontinuidades nas ações política e educacional da intelectualidade paranaense, bem como traça um mapa, em diferentes escalas, da presença de artistas, pedagogos, filósofos, geógrafos, antropólogos e professores na cena da educação paranaense da virada do século XIX aos anos sessenta do século XX.

Na coletânea, intelectuais, educação e modernidade encontram-se problematizados a partir de diferentes ênfases, todavia, considerando quatro focos principais. *Fóruns, reformas e reformadores* trata do debate presente nos anos vinte do século XX em torno das reformas educacionais, considerando suas manifestações nos congressos educacionais e no plano dos documentos produzidos pelos administradores públicos da educação paranaense no período. *Artes, ofícios e artistas* enfoca a relação entre arte, trabalho e educação por meio das experiências de pintores e artistas plásticos do último quartel do século XIX, e da primeira metade do século XX, bem como a saga de atores e de dramaturgos nos anos sessenta do século passado. *Clericais, anticlericais e cientistas* articula a discussão sobre os rumos da educação republicana, a partir do confronto entre o movimento anticlerical, no primeiro quartel do século XX, e a reação do laicato católico nos anos vinte do mesmo século; discute também a participação do emigrante alemão Reinhard Maack na constituição do campo científico do Paraná. Finalmente, *Teorias e teóricos da formação da professora primária* analisa os processos de formação do professor primário na primeira metade do século XX.



VIEIRA, Carlos Eduardo; STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky; OSINSKI, Dulce Regina Baggio (org.).

História intelectual e educação: trajetórias, impressos e eventos.

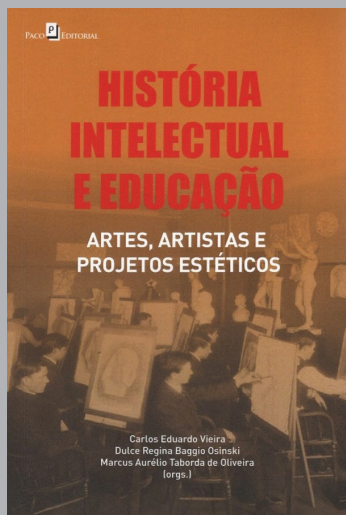
Jundiaí: Paco Editorial, 2015. 428 p.

História intelectual e educação: trajetórias, impressos e eventos reúne textos que expressam resultados de pesquisas produzidas pelo GPHIE em diálogo com teorias sociais e históricas que perpassam os estudos e as pesquisas do grupo, materializadas nas proposições de Antonio Gramsci, Pierre Bourdieu e dos historiadores vinculados ao contextualismo linguístico, Quentin Skinner e John Pocock, estudados de forma coletiva e sistemática entre os anos 2006 e 2014.

Para a produção do livro em questão foram inúmeros os arquivos públicos e privados examinados em várias cidades brasileiras e no exterior. Esse garimpo de grande proporção conduziu à composição de um *corpus* documental que reúne uma tipologia muito diversificada de fontes, tais como: jornais de grande circulação, livros, revistas de cultura geral e especializada, cartas, planos e programas de ensino, currículos, fotografias, relatórios públicos e privados, manuais escolares, desenhos, gravuras, caricaturas e charges, mapas, estatísticas e teses apresentadas em congressos.

O mesmo pode ser dito sobre os objetos analisados, pois, ainda que circunscritos ao campo da história da educação, fica evidente a riqueza das questões exploradas. Um sinal dessa miríade de olhares presentes nas pesquisas do GPHIE revela-se na divisão do livro em três grandes eixos: as trajetórias, os impressos e os eventos; opção de organização da obra que enfatiza as diferentes formas de problematizar a história da educação, privilegiando os intelectuais (trajetórias) ou os lugares de enunciação do discurso educacional (impressos e eventos).

A estes eixos articuladores, soma-se uma multiplicidade ainda maior de objetos situados entre o final do século XIX e o último quartel do século XX. Em síntese, são problemas distribuídos em cerca de cem anos de história da educação, em íntima sintonia com os métodos da história intelectual e dos intelectuais.



VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (org.). *História intelectual e educação: artes, artistas e projetos estéticos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. 348 p.

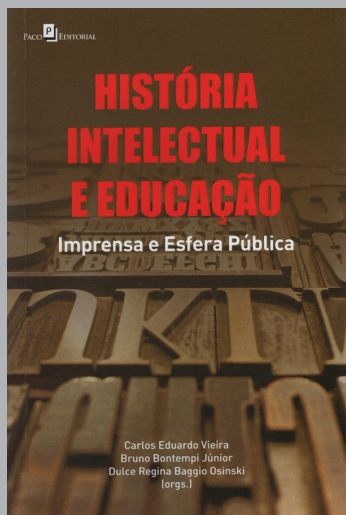
História intelectual e educação: artes, artistas e projetos estéticos é resultado da colaboração acadêmica de dois grupos de pesquisa, o GPHIE e o Centro de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE), sediados respectivamente na Universidade Federal do Paraná e na Universidade Federal de Minas Gerais. Ligados a esses grupos, pesquisadores de outras quatro universidades brasileiras compõem a coletânea.

O livro aborda as relações entre as diversas perspectivas envolvendo arte e educação: as ideias e as ações de intelectuais, artistas ou não, em defesa da presença da educação em arte na formação geral; os projetos educacionais ou as atividades livres em arte nos diversos níveis escolares; a formação do artista e dos professores de arte; os livros, os materiais didáticos e os métodos de ensino de arte; os debates públicos sobre arte e educação; e a produção artística no seu potencial criativo.

As relações entre os campos da educação e da arte são compreendidas em perspectiva histórica como constituintes dos discursos e das ideias educacionais, contribuindo com a formação do campo intelectual, da mesma forma que se vislumbram seus desdobramentos na sociedade civil como inerentes aos problemas, valores e condutas sociais que marcam cada tempo e cada lugar.

Para além do debate teórico referente à história intelectual e dos intelectuais em suas interfaces com a educação e a arte, outros eixos temáticos permeiam as discussões empreendidas, como o currículo, as disciplinas escolares, a religião, a profissionalização para o trabalho, as sensibilidades ou a política.

Abrangendo um período que se concentra no século XX, mas não deixa de contemplar os séculos XVIII e XIX, e mesmo o século XXI, os autores não se restringem ao contexto brasileiro, estando a América Latina e as relações internacionais no âmbito da Unesco presentes entre os interesses de investigação.

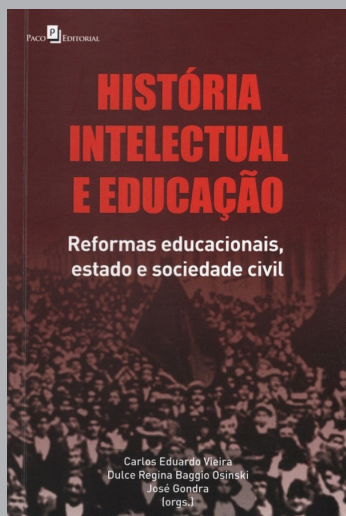


VIEIRA, Carlos Eduardo; BONTEMPI JR., Bruno; OSINSKI, Dulce Regina Baggio (org.). *História intelectual e educação: imprensa e esfera pública*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. 372 p.

A obra *História intelectual e educação: imprensa e esfera pública* é resultado da colaboração acadêmica do GPHIE e do Grupo de Pesquisa Intelectuais da Educação Brasileira: Formação, Ideias e Ações (GPHIEB), sediados respectivamente na Universidade Federal do Paraná e na Universidade de São Paulo. O livro integra a série *História Intelectual e Educação*, que tem como foco as relações entre história intelectual e a história da educação. O campo acadêmico que congrega a maioria dos autores é a história da educação, contudo, o diferencial está na aproximação dos temas da história da educação com as ferramentas metodológicas da história intelectual, nas suas variantes da história cultural, dos intelectuais e dos conceitos.

Como problema conectado a estes campos historiográficos, o livro aborda as relações entre a imprensa, a educação e a esfera pública. Na obra, é enfatizada, particularmente, a forma como a imprensa tratou os problemas ligados à esfera educacional, seja na dimensão da análise e da crítica realizada pelos jornais sobre as iniciativas educacionais promovidas pelo poder público ou no campo do papel pedagógico assumido pela imprensa no intuito de afirmar suas teses.

Entre os focos de análise da coletânea estão: os intelectuais responsáveis pelas linhas editoriais; discursos e retóricas, enquetes e campanhas encampadas pelos órgãos veiculados pela imprensa; orientações ideológicas e projetos políticos das empresas jornalísticas; recepção/apropriação do discurso da imprensa pelo público leitor; agendamento promovido pela imprensa, que estabelece, na expressão do sociólogo Pierre Bourdieu, problemáticas obrigatórias na discussão sobre a educação e a cultura. Especial atenção, ainda, é dedicada à análise das tensões entre a imprensa e o Estado, considerado como um dos interlocutores privilegiados pelos jornais, em suas relações com a sociedade civil.



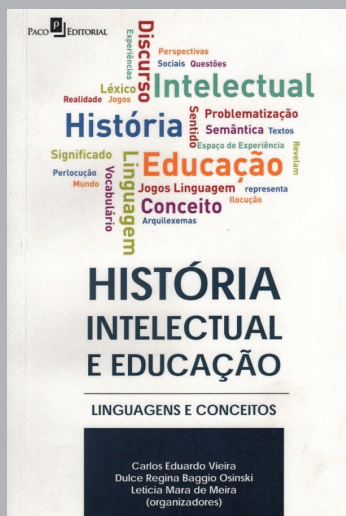
VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; GONDRA, José (org.).
História intelectual e educação: reformas educacionais, estado e sociedade civil.
Jundiaí: Paco Editorial, 2019. 432 p.

História intelectual e educação: reformas educacionais, estado e sociedade civil aborda as relações entre estado e sociedade civil a partir de um enfoque histórico, considerando particularmente os efeitos desta relação na gestão e na produção de políticas e reformas educacionais. Parte de uma série que tem como foco as relações entre a história intelectual e a história da educação e consiste em um trabalho conjunto entre os grupos de pesquisa sobre história intelectual e educação da Universidade Federal do Paraná e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Seu foco central incide na identificação e inter-rogação das tensões que marcam essas relações, tanto na perspectiva de vislumbrar as ações do Estado que visam regular parte da sociedade civil e dos seus projetos no âmbito de reformas e programas de governo, como os diversos movimentos da sociedade civil que buscam pautar e interferir na elaboração e execução dos projetos oficiais.

Na primeira parte do livro, intitulada *Reformadores e reformas*, são abordados projetos propostos e implementados no contexto da América Latina, bem como seus propositores. Já a segunda parte, *Princípios em disputa*, explora os ideários dos debates em-preendidos sobre temas como educação feminina, educação artística e educação sexual, contemplando também educação e saúde.

Reunindo pesquisadores da Argentina, Chile, Colômbia, México e Brasil, associados a várias universidades, a coletânea permite perceber a complexidade das intervenções no campo da educação e da formação de forma mais ampla, nos séculos XIX e XX, considerando iniciativas diversas, com escalas distintas e documentação variada. Diversidade e complexidade que atestam as formas mais ou menos regulares por meio das quais agentes sociais distintos procuraram construir e legitimar determinadas inteligências para a escola e para a vida, efeito das lutas e dos modos de organização e funcionamento do Estado, dos diferentes coletivos que integram a sociedade civil e das relações estabelecidas entre si.



VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; MEIRA, Leticia Mara de (org.). *História intelectual e educação: linguagens e conceitos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2024. 428 p.

História intelectual e educação: linguagens e conceitos reúne pesquisadores nacionais e estrangeiros de diferentes instituições universitárias, associados ao GPHIE, da UFPR, ou convidados de outras instituições e grupos de pesquisa, que mantêm interlocução regular e intensa com o GPHIE.

A obra tem como horizonte de problematização as questões relacionadas à análise da linguagem a partir das reflexões, em perspectiva histórica, sobre os jogos de linguagens, as retóricas e os conceitos normativos presentes nos debates acerca da educação, no que diz respeito aos acontecimentos e contextos ocorridos entre os séculos XVII e XXI, sendo o século XX, especialmente a sua primeira metade, o período que concentra o maior número de análises.

No plano da espacialidade, os textos se deslocam da Europa para os Estados Unidos, Argentina e Brasil. Já as fontes mobilizadas representam um *corpus* documental vasto e de tipologia variada, incluindo textos jornalísticos, livros, cartas, dicionários, partituras musicais, materiais didáticos, legislação, anais de congressos, encíclicas, revistas especializadas, fotografias, desenhos e pinturas. Os problemas debatidos também se revelam plurais e são abordados a partir da análise de jogos de linguagem praticados nos campos da educação, arte, religião, ciência, filosofia e política.

Os textos privilegiam a interlocução com duas perspectivas teóricas que se revelam muito em voga na história: o contextualismo linguístico e a história dos conceitos. Algumas análises combinam perspectivas e conceitos oriundos desses projetos historiográficos, associados originalmente às obras de Quentin Skinner, John Pocock e Reinhart Koselleck.

Neste sentido, força ilocucionária, jogos de linguagem, linguagens complexas, campo semântico, espaço de experiências e horizontes de expectativas são alguns dos conceitos mobilizados no intento de produzir interpretações plausíveis sobre o passado nos diferentes recortes temporais, espaciais e temáticos presentes na obra.

GPHIE EM IMAGENS



Carlos Eduardo Vieira no estágio de pós-doutorado no King's College Cambridge, UK, out. 2008
Crédito: Raquel Rizzo



Sílvia de Ross defendendo sua tese de doutorado no PPGE-UFPR Curitiba, PR, out. 2010
Crédito: Acervo GPHIE



Reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, abr. 2017
Crédito: Dulce Osinski



*Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, Maria Tarcisa Silva Bega, Carlos Eduardo Vieira e Nêvio de Campos em mesa-redonda comemorativa aos dez anos do GPHIE Curitiba, PR, ago. 2017
Crédito: Ricardo Carneiro*



*Comemoração aos dez anos do GPHIE Curitiba, PR, ago. 2017
Crédito: Ricardo Carneiro*



*Dulce Regina Baggio Osinski e João Paulo de Souza da Silva na defesa de sua tese de doutorado no PPGE-UFPR Curitiba, PR, mar. 2018
Crédito: Acervo GPHIE*



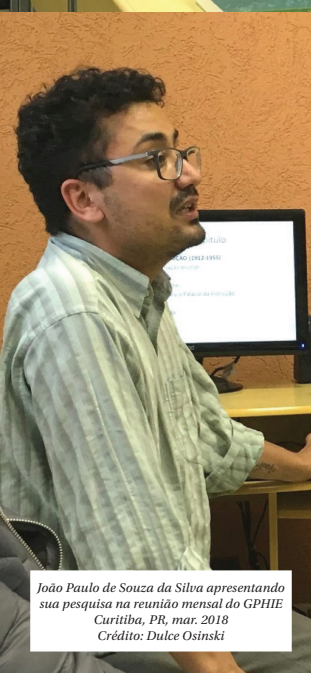
*Amanda Siqueira Torres Cunha, Ceres Luehring Medeiros, Alexandra Padilha Bueno, Rossano Silva, Maria Cristiane Nunes de Faria e Fernanda Frazão na reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, set. 2017
Crédito: Dulce Osinski*



Graciele Dellalibera de Mello, Silvete Aparecida Crippa de Araújo, Renato Torres, Iriana Nunes Vezzani e Leticia de Meira na reunião do GPHIE Curitiba, PR, nov. 2017
Crédito: Dulce Osinski



Elianda Tiballi apresentando sua pesquisa de estágio de pós-doutorado na reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, abr. 2018
Crédito: Ricardo Carneiro



João Paulo de Souza da Silva apresentando sua pesquisa na reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, mar. 2018
Crédito: Dulce Osinski



Dulce Regina Baggio Osinski, Rossano Silva, Graciele Dellalibera de Mello e Juarez José Tuchinski dos Anjos na defesa da dissertação de Graciele no PPGE-UFPR Curitiba, PR, mar. 2018
Crédito: Acervo GPHIE



Reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, mar. 2018
Crédito: Dulce Osinski



Samara Mendes Aratijo Silva, Evelyn Orlando, Alexandra Padilha Bueno, Carlos Eduardo Vieira, Dulce Regina Baggio Osinski e Marcus Aurélio Tabor da de Oliveira na defesa de tese de doutorado de Alexandra no PPGE-UFPR
Curitiba, PR, mar. 2019
Crédito: Acervo GPHIE



Carlos Eduardo Vieira em mesa-redonda comemorativa aos vinte anos da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação do PPGE-UFPR
Curitiba, PR, nov. 2018
Crédito: Ricardo Carneiro



Reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, set. 2019
Crédito: Dulce Osinski



Ellen Cristina Polli Biora e Dulce Regina Baggio Osinski na defesa de dissertação de mestrado de Ellen no PPGE-UFPR
Curitiba, PR, mar. 2019
Crédito: Acervo GPHIE



Graciele Dellalibera de Mello, Fernanda Frazão, Rossano Silva, Alexandra Padilha Bueno, Sílvia de Ross, Roberlayne Roballo, Erica Amanda de Oliveira, Maria Cristiane Nunes de Faria e Iriana Nunes Vezzani na defesa de tese de doutorado de Alexandra no PPGE-UFPR
Curitiba, PR, mar. 2019
Crédito: Acervo GPHIE



Matheus da Cruz e Zica e Carlos Eduardo Vieira na reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, mar. 2019
Crédito: Ricardo Carneiro



Reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, out. 2019
Crédito: Dulce Osinski



Diretoria da SBHE: Sílvia Brito (Tesoureira), Marcus Tabor da Oliveira (Secretário), Carlos Eduardo Vieira (Presidente) e Libânia Nacif Xavier (Vice-Presidente)
X CBHE, Belém-PA, 2019
Crédito: Acervo GPHIE



Reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, nov 2019
Crédito: Ricardo Carneiro



Carlos Eduardo Vieira e Joana Gondim Garcia na
defesa de tese de doutorado de Joana no PPGE-UFPR
Curitiba, PR, mar. 2022
Crédito: Acervo GPHIE



Reunião virtual do GPHIE
Curitiba, PR, abr. 2021
Crédito: Acervo do GPHIE



Carlos Eduardo Vieira, Alexandra Padilha Bueno, Rossano Silva,
Sílvia de Ross, Adriana Vaz e Fernanda Frazão no Bar Majalada
Curitiba, PR, 2019
Crédito: Dulce Osinski



Graciele Dellalibera de Mello na defesa de sua tese de doutorado no PPGE-UFPR
Curitiba, PR, mar. 2023
Crédito: Acervo do GPHIE



Dulce Osinski apresentando sua pesquisa na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, ago. 2023
Crédito: Ricardo Carneiro



Junior César Pereira na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, ago. 2023
Crédito: Ricardo Carneiro



Sergio Chaves Junior apresentando sua pesquisa na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, set. 2023
Crédito: Dulce Osinski



Rossano Silva e Carlos Eduardo Vieira na reunião mensal do GPHE Curitiba, PR, out. 2023
Crédito: Dulce Osinski



Carlos Eduardo Vieira e Roberlayne Roballo no II Encontro Paranaense de História da Educação Curitiba, PR, nov. 2023
Crédito: Dulce Osinski



Reunião mensal do GPHE Curitiba, PR, mar. 2024
Crédito: Ricardo Carneiro



Liber Eugenio Paz (UTFPR), Marilda Lopes Pinheiro Queluz (UTFPR), Maria Cristina P. do Nascimento, Dulce Regina Baggio Osinski e Carlos Eduardo Vieira na defesa da tese de doutorado de Maria Cristina no PPGE-UFRP Curitiba, PR, mar. 2024
Crédito: Acervo GPHE



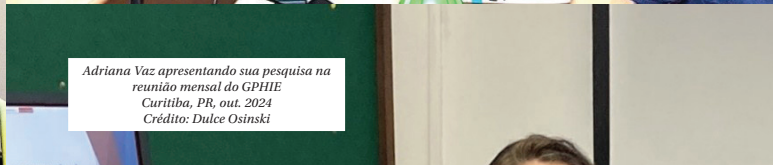
Luciana Rodrigues de Souza na reunião mensal do GPHE Curitiba, PR, ago. 2024
Crédito: Dulce Osinski



Carlos Eduardo Vieira e Alexandra Padilha Bueno no lançamento do livro de Alexandra sobre Mariana Coelho Curitiba, PR, nov. 2024
Crédito: Dulce Osinski



Reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, jun. 2024
Crédito: Dulce Osinski



Adriana Vaz apresentando sua pesquisa na reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, out. 2024
Crédito: Dulce Osinski



Junior César Pereira, Graciele Dellalibera de Mello e Carlos Eduardo Vieira na reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, out. 2024
Crédito: Dulce Osinski



Dulce Regina Baggio Osinski, Carlos Eduardo Vieira, Maria Cristiane Nunes de Faria, Bruno Bontempi Junior, Nêvio de Campos e Andrea Bezerra Cordeiro na defesa da tese de doutorado de Maria Cristiane no PPGE-UFRPR Curitiba, PR, mar. 2025
Crédito: Acervo GPHIE



Névio de Campos, Junior César Pereira, Carlos Eduardo Vieira
e Bruno Bontempi Junior na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, mar. 2025
Crédito: Dulce Osinski



Reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, mar. 2025
Crédito: Dulce Osinski



Andréa Bezerra Cordeiro apresentando
pesquisa na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, abr. 2025
Crédito: Dulce Osinski



Jacyrara Batista Santini apresentando
pesquisa na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, abr. 2025
Crédito: Dulce Osinski



"Um verdade
Educa
as viagens
Germano Ba
renovação d
paranaen
Wes
Orientador: Sergi

Weslei da Mota Cordeiro apresentando
pesquisa na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, maio 2025
Crédito: Dulce Osinski



Silvana Mendes Schuindt apresentando
pesquisa na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, maio 2025
Crédito: Dulce Osinski



Caroline Baron Marach apresentando pesquisa na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, jun. 2025
Crédito: Dulce Osinski



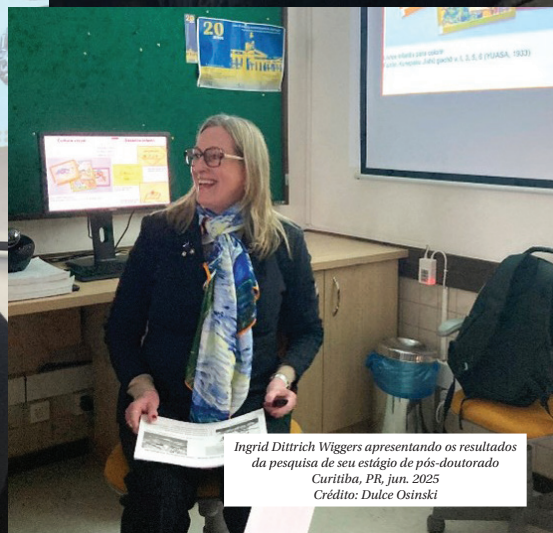
Alexandra Padilha Bueno, Ricardo Carneiro Antonio e Carlos Eduardo Vieira na reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, abr. 2025
Crédito: Dulce Osinski



Reunião mensal do GPHIE
Curitiba, PR, jun. 2025
Crédito: Ricardo Carneiro



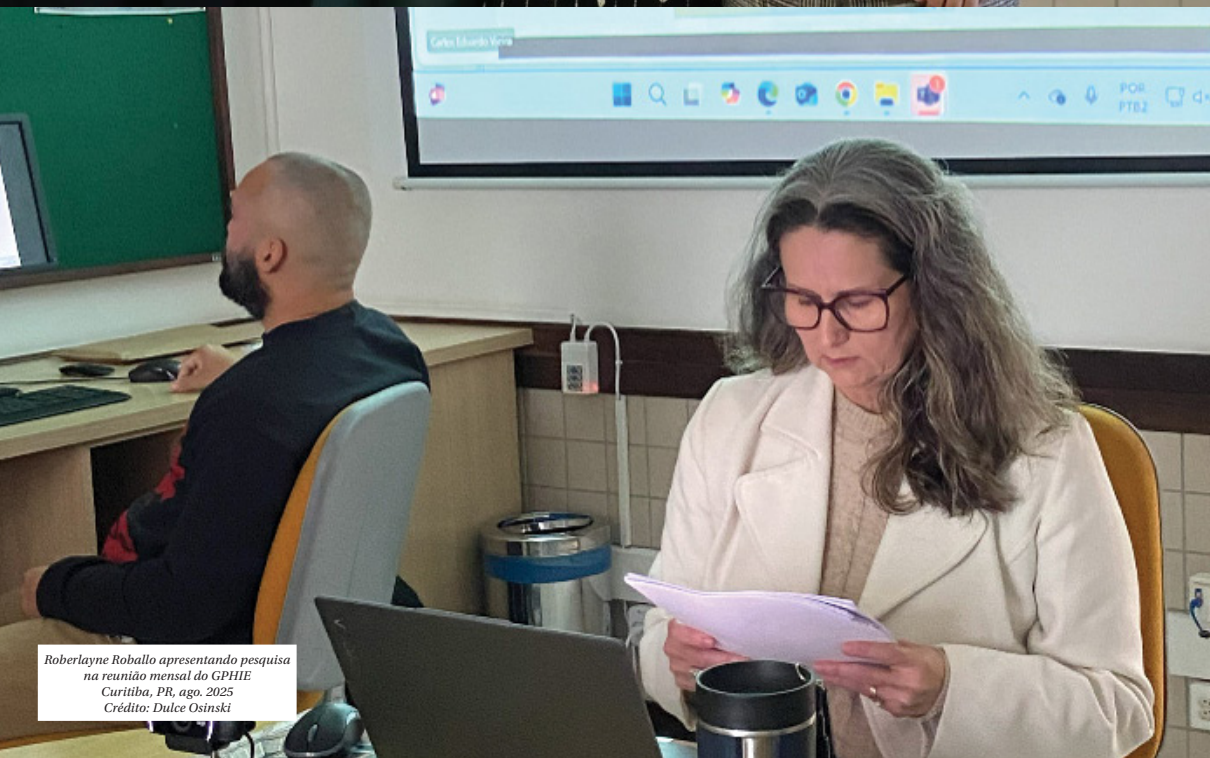
Silvia de Ross apresentando pesquisa na reunião mensal do GPHIE, com Carlos Eduardo Vieira
Curitiba, PR, jun. 2025
Crédito: Dulce Osinski



Ingrid Dittich Wiggers apresentando os resultados da pesquisa de seu estágio de pós-doutorado
Curitiba, PR, jun. 2025
Crédito: Dulce Osinski



Andréa Bezerra Cordeiro, Rosana Berton Bauer, Adriana Vaz, Alexandra Padilha Bueno e Nêvio de Campos na defesa da dissertação de mestrado de Rosana no PPGE-UFPR Curitiba, PR, jul. 2025
Crédito: Acervo GPHIE



Robertyne Roballo apresentando pesquisa na reunião mensal do GPHIE Curitiba, PR, ago. 2025
Crédito: Dulce Osinski



Este livro foi composto em Utopia Std, publicado em formato digital pela Editora UFPR, em outubro de 2026.

O *Catálogo Histórico* é uma obra que está associada à memória e à história institucional de um grupo de pesquisa que vem desenvolvendo um trabalho reconhecido, nacional e internacionalmente, na produção do conhecimento histórico. Entre os campos historiográficos cobertos pelas pesquisas e pelas publicações do grupo destacamos: a história dos intelectuais, a história intelectual e dos conceitos e, sobretudo, a história da educação.

Fundado em 2006, o GPHIE tem como escopo investigar historicamente a prática social dos intelectuais, particularmente daqueles que se engajaram direta e intensamente na difusão do discurso sobre a relação entre educação e modernidade. Em termos metodológicos, buscamos problematizar o discurso educacional, a partir dos seus contextos de produção, circulação e recepção. Acreditamos que, assim, contribuiremos para uma história da educação articulada às histórias das linguagens, das práticas políticas, das profissões ligadas à esfera cultural, das formas de transmissão da cultura e dos meios e dos lugares de produção do conhecimento.

Organizadores

ISBN 978-85-8480-296-8



série
PESQUISA